

SAUDADES DO BRASIL

A ERA JK





Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.
A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

SAUDADES do Brasil, a era J.K.: a fotografia, cinema, vídeo, arqueologia contemporânea [catálogo]. [Projeto: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; criação e produção: Memória Brasil]. Rio de Janeiro: Memória Brasil: CPDOC, 1992. 111p.il.





14 de janeiro a 23 de fevereiro de 1992



FOTOGRAFIA
CINEMA
VÍDEO
ARQUEOLOGIA
CONTEMPORÂNEA

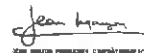
Criação e Produção:



Projeto:

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Apoio:



Patrocínio:

banespa
A FORÇA DA NOSSA GENTE

CRIAÇÃO E PRODUÇÃO

MEMÓRIA BRASIL

DIRETOR DE CRIAÇÃO

Adam Grzybowski

DIRETOR DE PESQUISA

Israel Beloch

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Laura Reis Fagundes

COORDENAÇÃO GRÁFICA

Guillermo Dalchiele

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Luciana de Aguiar Gontijo

MONTAGEM, AMBIENTAÇÃO E COLEÇÃO DE OBJETOS

Paulo Mariozzi

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Márcia Régis

PROJETO GRÁFICO

Burton & Perrotta Criação Visual

PROJETO

CPDOC da Fundação Getúlio Vargas

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO

Aline Lopes de Lacerda

Mônica Almeida Kornis

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Aline Lopes de Lacerda

Maria Teresa Villela Bandeira de Mello

Mônica Almeida Kornis

Teima Bonniau Gitirana

AUXILIARES DE PESQUISA

Beatriz Kushnir

Valéria Brandão Rocha

Helouise Lima Costa

TEXTOS

Alexandra de Mello e Silva

Angela Maria de Castro Gomes

Dulce Chaves Pandolfi

Gerson Moura

Helena Bormeny

Maria Celina Soares D'Araújo

Mário Grynspan

Mônica Almeida Kornis

Mônica Pimenta Velloso

EDIÇÃO DE TEXTO

Dora Rocha

REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS

Gilson Ribeiro da Silva

CINEMA

CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO

CPDOC/FGV

Cinemateca Brasileira

Cinemateca do Museu de Arte Moderna do

Rio de Janeiro

VÍDEOS

DIRETOR

Sílvio Tandler

DIRETORA ASSISTENTE

Maria Ângela Galvão

TEXTO

Tânia Fusco

PESQUISA

Vinícius Dias dos Reis

NARRADOR

Paulo José

TRILHA SONORA

Maurício Gaetani

BANESPA

PRESIDENTE

Antonio Claudio Sochaczewski

DIRETOR DE MARKETING

Antônio Carlos Coutinho Nogueira

**CHEFE DO DEPARTAMENTO
DE COMUNICAÇÃO**

Edmar Matos

ANALISTA DE PROJETOS

Luiz Gonzaga Tessarini

MASP - Museu de Arte de São Paulo
Assis Chateaubriand

PRESIDENTE DE HONRA

Pietro Maria Bardi

PRESIDENTE

Edmundo Monteiro

PRESIDENTE DO CONSELHO

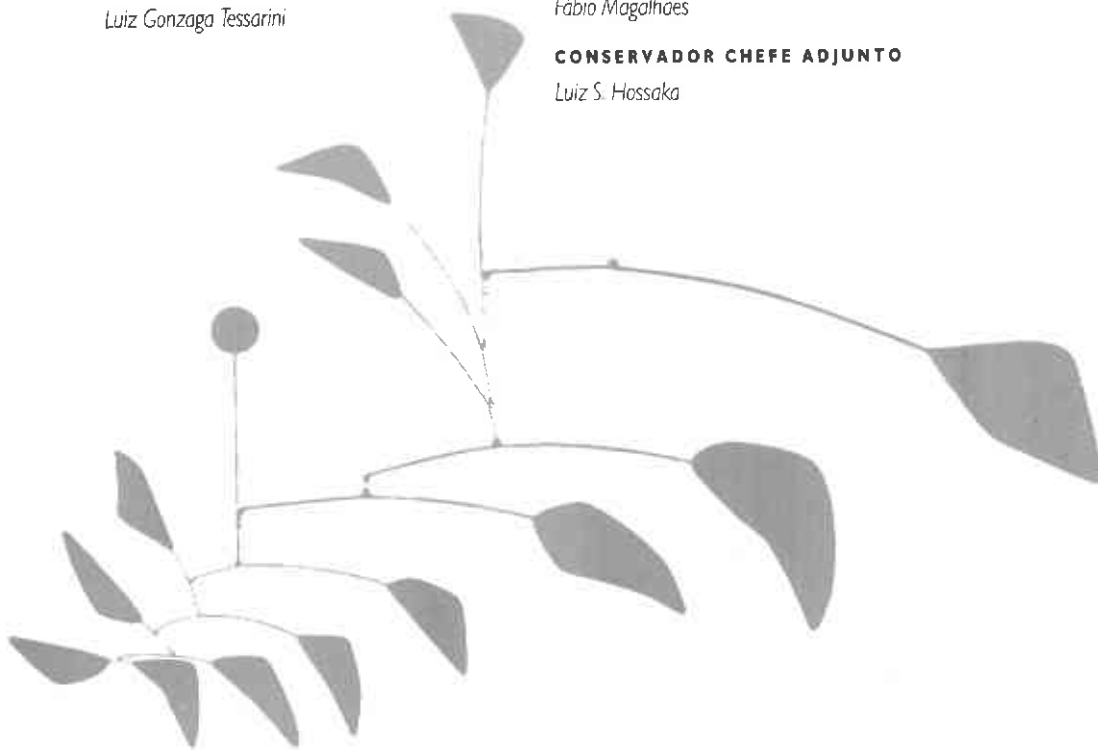
Esther de Figueiredo Ferraz

CONSERVADOR CHEFE

Fábio Magalhães

CONSERVADOR CHEFE ADJUNTO

Luiz S. Hassaka



*Véspera da inauguração de
Brasília, 20 de abril de 1960.*

— Agência O Globo.

— Foto J. Leite.



Talvez tenha visto Juscelino uma única vez em minha vida. Eu morava na Praia do Flamengo a duas quadras do Palácio do Catete. Naquele domingo, junho de 1958, acordamos cedo, mal dormidos, com o coração a mil. Passamos a manhã toda colados no rádio buscando a melhor sintonia das vozes fanhosas pela distância, ora do Oduvaldo Cozzi, ora de Geraldo José de Almeida. Quando Pelé marcou o quinto gol brasileiro, arrasando a seleção da Suécia, estourou por todo o país o grito de campeão do mundo preso na garganta desde 1950. Como que combinado, fomos todos nos juntando na rua, bandeiras brasileiras na mão e marchamos para o Catete. Uma multidão se juntou à frente do Palácio e cantamos o hino nacional. Juscelino chegou à sacada e acenou para nós. Explodimos de orgulho de sermos brasileiros.

Somente muitos anos mais tarde, já por força das minhas atividades acadêmicas, entendi o simbolismo daquele episódio vivido por um garoto de dezesseis anos. Juscelino Kubitschek representava o país. Juscelino era o país. Aquele mineiro alegre e simpático havia conseguido mobilizar o país em direção ao seu futuro, com o dinamismo e a seriedade próprios dos vencedores. Juscelino era um vencedor e portanto o Brasil seria um vencedor. A luta de quase um século pela industrialização do país se cristalizava no Plano de Metas e no mote de seu governo "cinquenta anos em cinco". A construção de Brasília, mais do que um ousado projeto urbano e arquitetônico, simbolizava o antigo ideal republicano de integração nacional e, por consequência, o rompimento com o subdesenvolvimento e o atraso da sociedade rural do interior.

Como somente ocorre nos regimes democráticos e abertos, a par do crescimento econômico, o país mostrava-se para o mundo por todos os lados: campeão mundial de futebol, vencedor no Festival de Cannes, a bossa-nova, o cinema novo, Marta Rocha e Terezinha Morango, a cada momento tínhamos mais consciência de que éramos um povo em diferenciação que finalmente acordara do berço esplêndido e a grandeza espelhada no futuro estava próxima. Não tenho dúvida que a minha geração, forjada neste clima, jamais abandonou o binômio democracia-crescimento como conceito central do desenvolvimento de um país. É neste contexto que a exposição sobre os anos JK que ora se inaugura ganha importância no quadro atual do país. Depois de uma década de estagnação e desalento nada melhor do que revisitar aqueles anos de otimismo e dinamismo que mudaram a história recente do país. O Governo de Juscelino nos ensinou que é possível crescer sem apelo ao autoritarismo; que a democracia na sua aparente fragilidade tira sua força do debate, da tolerância, da transigência e da submissão à vontade da maioria. Juscelino nos ensinou que a força dos governantes se faz pela tenacidade com que persegue seus objetivos, mas também pela generosidade com que trata seus adversários, como ele próprio o fez ao indultar os revoltosos de Aragarças e Jacareacanga. Mas mais do que tudo o Governo JK mostrou que a crença no futuro é o maior capital que um povo pode ter e nunca deve permitir-se perdê-la. O maior legado de Juscelino é a esperança.

Antônio Cláudio Sochaczewski
Presidente do Banespo

*Construção do prédio do
Congresso Nacional, Brasília,
1958.
— Arquivo Fundação Oscar Niemeyer.*



MEMÓRIA BRASIL foi criada por dois historiadores com a finalidade de transformar os dados recolhidos pela pesquisa histórica em produtos culturais acessíveis a amplas camadas da população. Em sua origem está a consciência de que o sentimento de possuir uma história em comum é um elemento básico da própria identidade nacional. Na situação de crise que há algum tempo experimentamos, marcada por preocupantes tendências centrífugas e desagregadoras (sociais, regionais, culturais), parece urgente ajudar a colar esses pedaços, oferecer a cada cidadão noções de como chegamos a ser o que somos, para procurarmos chegar a ser o que desejamos.

Animados desse propósito, temos orientado nossa atividade no sentido de permear de história todos os projetos que desenvolvemos.

Por outro lado, Memória Brasil procura se estruturar cada vez mais como empresa, dando às suas propostas uma dimensão essencial de realismo e possibilitando sua continuidade e multiplicação.

Operamos com a idéia de dessacralizar a transmissão do conhecimento histórico, despir esse saber do manto de formalismo que o recobre, transformar projetos culturais em saborosas aulas de história — instigantes, arejadas, que deixam no jovem a vontade de repetir a experiência.

Que o didatismo não compromete necessariamente a qualidade de uma manifestação cultural estão a comprovar as inúmeras iniciativas bem sucedidas no Primeiro Mundo e entre nós.

Foi inspirada nesses princípios que Memória Brasil se associou ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas para realizar o evento “Saudades do Brasil: A Era JK”.

Graças ao patrocínio do Banespa e ao apoio de outras empresas, instituições e profissionais, estamos apresentando ao público a recriação de um momento de nosso passado recente, através da fotografia, do cinema, do vídeo, da música, do design e da arqueologia contemporânea.

Esperamos que esse evento suscite amplas reflexões sobre as grandezas e estigmas da sociedade brasileira. A análise comparativa entre o presente, que nos parece a todos difícil, e aquele período da década de 50, contribuirá para distinguir os mitos da realidade, repensar os caminhos percorridos e desenhar os trajetos para um futuro melhor.

MEMÓRIA BRASIL

*Juscelino Kubitschek, em visita a Portugal.
ao lado do presidente Américo Tomás
Lisboa, agosto de 1960. — Agência O Globo*



Celso Lafer

OS ANOS JK

Seu Impacto e Significado



O presidente discursa durante a comemoração do 1º de maio, Brasília, 1959.

— Arquivo Nacional/Agência Nacional

O que explica, passados tantos anos de sua gestão presidencial (1956-1961) e de sua morte em 1976, a persistência da figura de Juscelino Kubitschek no imaginário político brasileiro? Existem, é claro, as suas realizações que são extraordinárias. Existe

também a sua cativante e sedutora personalidade. Ambas, no entanto, tenderiam normalmente, num país como o

Este texto foi apresentado no Seminário Democracia e Desenvolvimento: o marco dos anos 50, promovido pelo CPDOC em novembro de 1991.

nosso, com baixa propensão para a memória histórica e alta vocação para a amnésia política, a esfumar-se nas brumas do passado.

JK, no entanto, continua presente na vida política brasileira como um exemplo e um legado que os atores políticos buscam apropriar-se, num consenso que não o cercou na sua campanha — que foi difícil — nos antecedentes de sua posse — que foram dramáticos; durante a sua gestão — que foi duramente combatida —; e após a sua presidência — na qual perdeu substância.

Num primeiro momento, com a eleição de Jânio — que se posicionou na campanha e na curta e malograda presidência como uma sua antítese. Depois, no governo Goulart, quando JK viu-se sem centralidade política com as polarizações crescentes. Estas por sua vez redundaram no regime militar de 1964, que catalizando os sentimentos negativos que a sua figura pública inspirava, e com medo de seu potencial político, promoveu a sua cassação, forçou o seu exílio e humilhou-o com perseguições. Sofreu, assim, além da injustiça, aquilo que foi e é uma pena de morte em vida para um político: o ostracismo.

Dele foi resgatado pela morte, pois o seu enterro foi um reconhecimento que, não só teve na ocasião o significado de um protesto político, como acabou

assinalando a crescente unanimidade em torno da importância de sua atuação na configuração dos rumos do país.

Qual é a razão de ser desta crescente unanimidade? Como é que JK, que foi um homem de estado bem-sucedido, porém, controvertido, alcançou este consenso que hoje cerca a sua vida e a sua obra? São algumas possíveis respostas a estas perguntas o que vou tentar propor neste texto, tomando como ponto-de-partida as análises da minha tese de doutoramento de 1970, na qual estudei as relações entre o sistema político e o processo de planejamento durante a sua presidência. JK, tendo como base partidária o PSD, coligado com o PTB, foi eleito presidente com cerca de 36% dos votos e com margem apertada, num período da história brasileira assinalado pela ampliação da participação e pela extensão da cidadania. A dinâmica deste processo ele a entendeu, no plano político, como uma responsabilidade para com a democratização e, no plano econômico, como uma obrigação no sentido de aumentar o nível geral de vida, através da expansão das possibilidades de consumo e do crescimento do emprego.

Coerente com o seu diagnóstico, que via o problema brasileiro como uma crise de puberdade e não de velhice, JK promoveu política e economicamente o desenvolvimento do País. Politicamente,

impulsionou a democratização, estimulando com admirável tolerância o livre exercício da palavra viva e vivida no espaço público da vida brasileira. Daí, aliás, o clima de efervescência cultural que assinalou a sua presidência.

Economicamente rompeu o nó górdio da concepção, naquele momento ainda com vigência, de um país de produtos agrícolas por vocação hereditária, através de uma vigorosa política de industrialização, com base no aprofundamento do processo de substituição de importações, que descortinou novos horizontes para o Brasil e os brasileiros.

Esta transformação de mentalidade, economicamente traduziu-se numa taxa média de crescimento do PIB, nos anos 1956-1960, de 8,1%; num aumento da renda real per capita, e num salário mínimo com maior poder aquisitivo do que no ano de 1940, quando foi criado — isto apesar da inflação que no final do período havia chegado a 30,5% ao ano. Estes resultados contrastam favoravelmente com os dos quinquênios anteriores e também com as projeções da época, que eram pessimistas e que previam dificuldades para o período. Como foi possível esta mudança na probabilidade dos resultados? O governo JK mudou o país ao levar adiante a sua proposta de realizar “50 anos em 5”. Funcionou bem e foi capaz de transformar objetivos em resultados. Este sucesso derivou da direção que

imprimiu ao Brasil, no exercício de uma função hierárquica da gestão da sociedade. Esta função da gestão teve no Programa de Metas o seu fulcro irradiador.

O Programa de Metas foi a primeira experiência efetivamente posta em prática de planejamento governamental no Brasil. Foram ingredientes do sucesso desta experiência, no plano político, o espaço que o Plano, como um planejamento setorial, deixou aberto, na alocação de recursos públicos, para a acomodação de interesses e a criação de apoios dentro do Congresso e no âmbito da sociedade e no plano econômico, a inteligente utilização de estímulos e incentivos que viabilizaram a orientação do investimento, sem o peso de um Estado-Leviatã absorvente, a controlar decisões desconsiderando o mercado.

A orientação que o Programa de Metas imprimiu ao país partiu de um diagnóstico que, valendo-se da informação existente no sistema público, sintetizou-a numa racionalidade superior que levou em conta a interdependência dinâmica da economia como um todo, para levar adiante o processo de industrialização por meio da substituição de importações. Foi assim que os até então relativamente dispersos conceitos de ponto de estrangulamento interno e externo, o de pontos de germinação e o de demanda derivada permitiram a identificação das metas de energia, transportes, alimentação,

indústrias de base, educação e também a elaboração da meta-síntese que foi a construção de Brasília.

No plano operacional, a chave do sucesso do Programa de Metas foi o funcionamento de um núcleo administrativo — uma verdadeira “administração paralela” — para o qual foram canalizadas as competências e os poderes necessários para a implementação dos objetivos governamentais. BNDE, CPA, grupos executivos como o famoso GEIA, CACEX, SUMOC, Carteira de Câmbio contornaram a inoperância do Estado pelo controle que tiveram das áreas de incerteza vitais para a execução do Programa de Metas. Direcionaram, deste modo, estes órgãos os investimentos públicos e privados através da liberação dos fundos vinculados do orçamento, dos estímulos fiscais e creditícios, das licenças de câmbio e de exportação e dos avais, na medida em que as propostas e os projetos públicos e privados se enquadravam no contexto dos objetivos governamentais.

O exercício desta imaginação criadora no plano operacional, lado a lado com a imaginação política que assegurou, no plano da participação, a estabilidade pela tolerância liberal, que levou a bom termo a meta da legalidade democrática, dá os vetores do governo JK, que também buscou enfrentar o problema das disparidades regionais com a criação da SUDENE, e abrir novos horizontes para a

diplomacia do desenvolvimento com iniciativas como a OPA — Operação Pan-Americana.

Estes vetores de sucesso, e foi esta a conclusão da minha tese retomada analiticamente em 1975, em O sistema político brasileiro e em estudos posteriores, passaram a exigir novas fórmulas e novas combinatórias político-econômicas, pois o programa de Metas, porque transformou o país, esgotou as virtualidades da ação na qual se baseava.

Daí a paralisia decisória, a radicalização e a ansiedade dos atores políticos e econômicos, as novas esperanças e, afinal, o desfecho dos impasses com a instauração do regime militar de 1964, que representou um novo pacto de dominação e um outro tipo de resposta para os problemas da governabilidade política e do crescimento econômico.

Hoje, quando este pacto e as suas fórmulas também chegaram ao fim, e que o país está redemocratizado, porém em grave crise, — muito distinta, no entanto, das enfrentadas por JK por força das transformações da sociedade brasileira e das mudanças ocorridas no mundo, — cabe voltar à pergunta colocada no início desta exposição, ou seja, por que Juscelino está presente e vivo no imaginário da cultura política brasileira? Não basta apenas dizer que ele foi capaz de conjugar o desenvolvimento econômico com a democracia política, descortinando um horizonte de progresso e de esperança.

Isto, sem dúvida, é uma verdade que, se gera uma nostalgia num momento de crise de identidade coletiva — de angustiada preocupação com a maneira pela qual se pode levar adiante o bem comum —, não basta como resposta para os problemas do presente e do futuro. Retomo, assim, o fio da minha análise.

JK não foi um criador de instituições — um institution builder. Não criou partidos, baseou-se nos existentes — o PSD e o PTB —, que tiveram a sua origem no término do Estado Novo e são o fruto da ação de Getúlio Vargas. Também não transformou a máquina do Estado, pois não trilhou os rumos da reforma estrutural proposta pela Cepa — Comissão de Estudos e Projetos Administrativos — e optou pela criativa solução improvisada da “administração paralela”, que teve a sua sustentação nos órgãos e na competência existente no sistema público brasileiro. O lastro técnico do Programa de Metas resultou do aprimoramento dos estudos da Comissão Mista Brasil—EUA. Estes datam da segunda presidência de Getúlio Vargas, que também criou, para executá-los por iniciativa do então Ministro da Fazenda, Horácio Lafer, o BNDE, órgão que foi chave para o sucesso do Programa de Metas. Em síntese, JK valeu-se do existente para trazer o novo. Esta dialética, mediante a qual o novo surgiu da racionalidade superior que JK garimpou no existente, tem algo a ver — e aqui arrisco uma hipótese — com as

dicotomias que caracterizam a sua personalidade e que suscitam a continuidade da sua presença no imaginário da cultura política brasileira. JK, por ser antes um homem de ação do que de pensamento, ocupou-se com o fazer coisas. Fazia-as, no entanto, tendo um sentido de direção. Por isso era um improvisador — é só pensar, por exemplo, na decisão de construir Brasília — tomada num comício, ainda que esta decisão tivesse como dado subjacente a experiência mineira, no início da República — da criação de Belo Horizonte. O improvisador que ele era, no entanto, não só conviveu como foi um bem-sucedido planejador como governador e presidente.

Esta interação entre improvisação e planejamento, guiada por um sentido de direção, obedece, na sua lógica, ao jogo de outras dicotomias que são também notas identificadoras do perfil de Juscelino Kubitschek.

JK era um homem moderno — abriu espaço para a arquitetura de Niemeyer e a pintura de Portinari desde os seus tempos de prefeito, foi o primeiro presidente a administrar com o avião e a se comunicar, e bem, com a sociedade — por meio da televisão — mas não deixou de ser tradicional — como se pode ver pelas etapas de sua carreira política. Esta obedeceu aos cânones e, se teve ousadias, não se caracterizou pela postura da ruptura — como, por exemplo, a de João

Quadros ou a de Fernando Collor.

JK tinha uma dimensão cosmopolita — foi um homem atento ao mundo, estudou em Paris, viajou pela Europa e pelo Oriente logo após a sua formatura em medicina; esteve no Canadá e nos Estados Unidos em 1948 e, lá, deu-se conta do impacto e significado da industrialização; organizou, com isto em mente, depois de eleito presidente e antes da posse, uma importante e bem estruturada viagem aos Estados Unidos e à Europa. JK, no entanto, só se sentia como “um peixe dentro da água” no seu país. Tinha algo de provinciano e nunca se esqueceu de suas origens de menino pobre de Diamantina. JK, como político que havia sido médico, tinha o instinto do diagnóstico de pessoas e situações. Era um intuitivo. Não é assim, por acaso, que teve no poeta imbuído de visões e imaginação, mas também “doublê” de homem de negócios Augusto Frederico Schmidt, um assessor e conselheiro de peso durante a sua presidência. Sempre reconheceu, no entanto, a importância do racional e do conhecimento profissional — daí a relevância que, por exemplo, tiveram no seu governo, pelo seu saber técnico-econômico, Lucas Lopes, pelo seu saber jurídico e de organização, Victor Nunes Leal, pelo seu talento executivo, Lúcio Meira, e pelo seu saber político, Amaral Peixoto. Valeu-se, com tranquilidade, do capital estrangeiro para promover o desenvolvimento econômico, pois não tinha medo do

diferente e do mundo e confiava no país, mas foi nacionalista ainda que sem xenofobia, que não hesitou em romper com o FMI quando sentiu que isto era necessário para levar adiante o seu projeto de governo, e muito especialmente a inauguração de Brasília.

Teve a gravitas e a coragem indispensáveis para a postura do estadista que ele foi quando a situação exigiu ('Deus poupou-me o sentimento de medo'), mas era um homem alegre com transparente gosto pela vida. ('o Nonô pé-de-valsa'). Foi uma personalidade generosa, sem ressentimentos e sem ódios, que enfrentou com muita dignidade os tempos da privação e do exílio — que lhe deram uma dimensão trágica que compôs, como observou Tancredo Neves — na grande "oraison funebre", na Câmara dos Deputados, por ocasião do seu falecimento —, o toque final de sua imagem histórica.

Este conjunto de paradoxos dicotômicos, que acabo de elencar, harmonizavam-se em JK e respondiam a algo difuso na cultura política brasileira — a uma soma de virtudes e de defeitos nacionais que, para citar mais uma vez Tancredo Neves, Juscelino soube argamassar para liderar o país, rasgando "nos horizontes a perspectiva iluminada do seu destino". O segredo desta argamassa, na qual as virtudes eram maiores e os defeitos menores, resulta da loucura do visionário que criou o novo calçado no bom senso do existente.

Explico-me, valendo-me de Afonso Arinos, que falando sobre Juscelino em 1977, e comentando o espírito da civilização mineradora — impetuosa, imaginativa, arroubada — que ele representava como filho de Diamantina, disse que Diamantina era uma "ilha de loucura no pretense oceano de bom-senso das Minas Gerais". JK jogou com a loucura do visionário, que o impulsionava a transformar o país e com o bom-senso realista de quem estava ciente de que havia limites à vertiginosidade da mudança. Evoco, neste sentido, o texto de um discurso do Conselheiro Saraiva, na Câmara dos Deputados, em 10 de agosto de 1860, que foi, aliás, a epígrafe de meu estudo sobre o Programa de Metas e era uma resposta aos que acusavam JK de inflacionário em função do descontrole das contas públicas e, por tabela, de inconsequente: "Por mais que me custe a expor-me a ser tido por homem de pouco juízo, eu não hesitaria nunca em alistar-me no número de loucos que nutrem a grande e generosa ambição de ver o País cortado de caminhos, de vias férreas, de canais, embora tudo isto nos desequilibrasse o orçamento e nos fizesse dever dezenas e dezenas de milhares de contos de réis... Por muito tempo a nossa escola há de ser tida como menos sensata por aqueles que elevam a prudência à ordem de primeira virtude, sem se recordar de que ela não tem merecimento senão como o corretivo da expansão demasiada da atividade

humana... Quero pertencer à escola dos loucos, porque tenho a certeza de que a dos prudentes nada fará senão trazer o expediente em dia."

Ao governo JK este texto do Conselheiro Saraiva se ajusta como um molde perfeito. Ele ajuda a entender a persistência do seu legado na cultura política brasileira, pois a personalidade de JK responde aos anseios generalizados do país, que não quer, dada a persistência da crise, alguém que apenas culde do expediente. Quer uma liderança com visão, que redirecione os rumos do país sem a ruptura ineficaz dos choques, e que tenha o bom-senso de construir, com generosidade, a partir do existente. Neste sentido, independentemente do conteúdo das políticas públicas de sua presidência, que hoje são inaplicáveis, ele é, pela capacidade que teve de conciliar sob o signo da democracia e da legalidade o "velho" e o "novo" numa direção positiva, reformista e bossa nova, um paradigma na excelência da gestão da sociedade brasileira, difícil de imitar. Por isso, ao se olhar para o passado, na perspectiva do presente e das esperanças do futuro, JK aparece, sob o signo da História aos seus conterrâneos, ainda maior do que vivo.

*Construção de Brasília. Ao
fundo o futuro prédio do
Congresso Nacional
— Arquivo Público do Distrito
Federal/Novacap.*



APRESENTAÇÃO

Os ideais de construção de uma nação desenvolvida, moderna e democrática, somados a um sentimento de esperança e otimismo, consagraram os "anos JK", hoje evocados como tempos dourados. Revisitar essas lembranças através das imagens produzidas na época não significa uma simples volta saudosista ao passado, em contraposição ao ceticismo e à desesperança hoje sentidos por todos nós. Pretendemos refletir sobre a construção desse mito dos "bons tempos", revelando não só a simbologia dos valores e ideais da época, mas também as tensões e contradições omitidas pelo poder seletivo da memória. Ao buscarmos nas imagens o suporte dessa reflexão, admitimos o poder da percepção visual como forma de conhecimento. A imagem, como documento histórico, não ilustra meramente o saber escrito, mas possui uma linguagem específica que traz consigo a própria reconstrução de uma realidade. Todas as imagens são assim produto da sociedade que as fabricou, impondo ao futuro, de forma intencional ou não, uma determinada representação de si própria. Estamos certos de que os fragmentos da era JK reconstruídos nessa mostra permitirão que o olhar contemporâneo tenha uma nova visão sobre a história recente de nosso país.

*Aline Lopes de Lacerda
Mônica Almeida Kornis*

*Juscelino Kubitschek
é aclamado ao chegar à
convenção do PSD logo após a
homologação de sua candidatura
à presidência da República. Em
1º plano, no centro, o presidente*

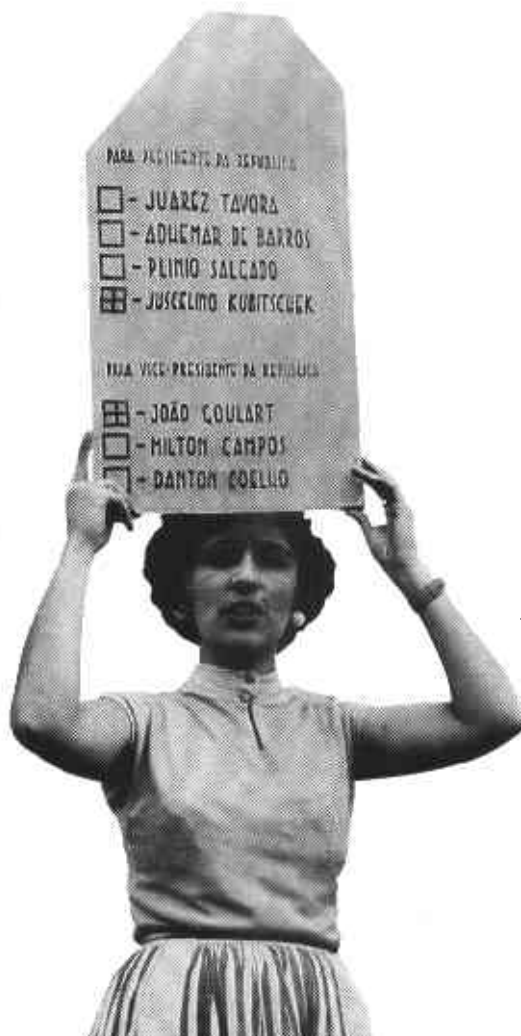
*do partido, Ernani do Amaral
Peixoto. Rio de Janeiro, 10 de
fevereiro de 1955.*

*— Fundação Getúlio
Vargas/CPDOC/Arq. Augusto do
Amaral Peixoto.*



ELEIÇÃO

A eleição presidencial de 3 de outubro de 1955 foi uma das mais competitivas da história do país. O sistema partidário encontrava-se em fase de consolidação, mas a conjuntura política estava tensa. Os 17 meses transcorridos entre a morte de Vargas, em agosto de 1954, e a posse de JK, em 31 de janeiro de 1956, foram tumultuados por manifestações civis e militares num quadro político influenciado pelo populismo getulista. Nesse curto espaço de tempo, três presidentes se sucederam no poder: Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos. Para a União Democrática Nacional (UDN) e seus aliados militares, o getulismo era um "cancro" que precisava ser



extirpado. Para o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), era condição de sobrevivência. Mas em ambos os lados as soluções consensuais mostravam-se impossíveis. Convivendo com um PTB cindido pela crise de agosto, estavam um PSD dividido e uma UDN desconcertada. Todas as facções negociavam alternativas que iam de um candidato de união nacional a candidaturas eminentemente partidárias.

? Inovação nas eleições presidenciais de 1955: pela primeira vez é usada a cédula única.

— Arquivo Nacional/Correio da Manhã.



Juscelino Kubitschek durante a campanha presidencial, com Amaral Peixoto (2º da esq.), Osmar Moreno (3º) e Paulo Fernandes (5º). Barra do Piraí (RJ), maio de 1955.

Arquivo do Estado de São Paulo. Última Hora.



Propaganda de apoio do líder comunista Luís Carlos Prestes a Juscelino Kubitschek e João Goulart, 1955.

Arquivo Família Luís Carlos Prestes.

Reunião dos comitês femininos pró-candidatura Juscelino Kubitschek. Em 1º plano a dir., Yara Vargas. Ao fundo D. Sarah Kubitschek (1ª da esq.) e Maria Luiza de Amaral Peixoto (3ª). Rio de Janeiro, 1955.

Fundação Getúlio Vargas. CPDOC. Arq. Augusto de Amaral Peixoto.



Apesar de fortes dissidências regionais, o PSD foi o primeiro partido a apresentar candidato: o governador de Minas, Juscelino Kubitschek. As restrições dos generais e dos ministros militares do presidente Café Filho foram severas e imediatas. JK reagiu com a histórica resposta: "Deus poupou-me o sentimento do medo." Lançada na esteira do getulismo, a candidatura de JK refletia a continuidade das forças que vinham apoiando a coalizão centrista que se formara em torno de Vargas ao fim do Estado Novo. O tom populista da campanha foi dado pela adesão do PTB através de acordo que garantia aos petebistas os ministérios do Trabalho e da Agricultura em troca da composição com João Goulart na vice-presidência. Juscelino recebeu ainda o apoio do ilegal Partido Comunista Brasileiro (PCB). Outros candidatos se apresentaram. Ademar de Barros, ex-governador de São Paulo, chefe do Partido Social Progressista (PSP), tentou reeditar a Frente Populista que elegera Getúlio em 1950,



7 Trabalhadores em frente ao Palácio do Catete no dia da posse de Juscelino Kubitschek. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1956.
— Arquivo do Estado de São Paulo/Última Hora.



e Campanha presidencial de 1955.
— Arquivo do Estado de São Paulo/Última Hora.

O presidente Carlos Luz (9º da
esq.), deposto pelo movimento de
11 de novembro de 1955, refugia-
se no cruzador Tamandaré na
companhia de Jurandir de
Bizarria Mamede (1º), Monteiro
de Castro (2º), José Canavarro
Pereira (5º), Carlos Lacerda (6º),
Sílvia Heck (7º), Otávio
Marcondes Ferraz (8º), Pena
Boto (10º), Prada Kelly (11º),
Munhoz da Rocha (12º) e Doorga
Borges (13º).

— Fundação Getúlio

Vargas/CPDOC/Arq. Otávio

Marcondes Ferraz.





compondo chapa com o ex-ministro do Trabalho Danton Coelho, do PTB. O integralista Plínio Salgado entrou em cena pelo Partido de Representação Popular (PRP). A UDN, certa de seus fins mas desnordeada quanto aos meios, aderiu mais uma vez a um candidato militar, o general Juarez Távora, que teve a seu lado Milton Campos.

No Brasil de 1955, com 58 milhões de habitantes e 15 milhões de eleitores, quatro candidatos a presidente e três a vice-presidente enfrentaram-se nas urnas. A vitória

coube a JK, com 34% da preferência dos votantes, o menor percentual até então verificado numa eleição presidencial no Brasil. A vice-presidência ficou com João Goulart, que obteve 40% dos votos. Os resultados foram contestados pela UDN, e o temor de que a posse de Juscelino pudesse ser impedida gerou o movimento do 11 de Novembro, que destituiu o presidente interino Carlos Luz. O governo foi então transferido para Nereu Ramos, que, sob a égide do PSD e do estado de sítio, governou o país até a posse de JK.

Posse de Juscelino Kubitschek em 31 de janeiro de 1956. Foto publicada na revista *O Cruzeiro* de 11.2.1956 com a legenda: "Até o último degrau. A campanha do Sr. JK foi uma luta penosa e dramática. Ei-lo, enfim, atingindo o objetivo. A seu lado, o Gal. Lott que, como Ministro da Guerra, afirmou que garantiria, e na verdade garantiu, a posse. Ele subiu com JK as escadas do Palácio do Catete, levando-o até o último degrau. Estado de Minas/DEDOC/O Cruzeiro.

— Foto João Martins.



*Juscelino e D. Sarah Kubitschek
com sua filha Maristela no dia da
posse, Rio de Janeiro 31 de
janeiro de 1956.*

— Foto | Rozemberg



Juscelino Kubitschek discursa na cerimônia de posse tendo a seu lado Flores da Cunha (1.º da esq.), Nereu Ramos (3.º) e João Goulart (4.º). Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1956.

— Arquivo Nacional/Agência Nacional.

Juscelino Kubitschek e João
Goulart, ou a aliança PSD/PTB.
Rio de Janeiro, setembro de 1959.
— Agência O Globo



GOVERNO

O governo JK começou em 31 de janeiro de 1956 e terminou em 31 de janeiro de 1961.

É lembrado como um período de cordial convivência entre democracia política e desenvolvimento econômico, que teve como marca predominante a estabilidade. Isso a despeito dos atritos com o Fundo Monetário Internacional (FMI), das tensões militares e das pressões de operários, camponeses e estudantes. Como explicar essa estabilidade?

AS ALIANÇAS

A eleição de Juscelino Kubitschek e de João Goulart representou a vitória da estratégica aliança PSD-PTB e dos quadros militares legalistas. Mas para governar, outros apoios eram necessários. Era fundamental



O governador Jânio Quadros com o presidente Juscelino Kubitschek e o deputado Ulisses Guimarães durante visita às instalações da Petrobrás em Rio Claro, São Paulo, 14 de março de 1958.

— Arquivo Nacional/Agência Nacional

pacificar as Forças Armadas e construir uma ampla maioria no Congresso. Para isso, o Programa de Metas era um forte instrumento de convencimento.

O ministério de JK refletiu os compromissos de campanha. A maior parte das oito pastas civis foi entregue ao PSD e ao PTB. A UDN, segundo maior partido, foi excluída da composição do Poder Executivo, mas ganhou prestígio em função do peso que o presidente procurou dar ao Congresso Nacional. Os grupos de trabalho do Conselho do Desenvolvimento, alguns deles transformados em grupos executivos, deram forma e vida ao Programa de Metas. Entre técnicos de origens diversas, foi importante a participação dos quadros militares.

Os intelectuais também colaboraram com o governo na discussão do modelo de desenvolvimento, através do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que tinha na prática papel de assessor direto do presidente.

O respeito às liberdades civis, o reconhecimento do Legislativo e do Judiciário, os amplos entendimentos com partidos, militares, intelectuais e sindicalistas foram responsáveis pela estabilidade do período. Por trás de tudo, havia a habilidade do presidente, a ousadia de seus projetos e a certeza de que o país caminhava para grandes realizações econômicas. Havia um otimismo no ar.

AS RESISTÊNCIAS

As resistências ao governo foram sistemáticas e diversificadas. Os militares, cada vez mais participantes politicamente e envolvidos em articulações com as oposições civis, foram responsáveis por dois levantes — Jacareacanga e Aragarças — e por crises resultantes de disputas entre as três armas. A figura do



Juscelino Kubitschek recebe o título de cacique honorário dos carajás na ilha do Bananal, Goiás, 1960.

-- Manchete

-- Foto Jader Neves

*As "raposas" do PSD: Moisés
Lupion (2º da esq.), Israel
Pinheiro (3º), Ernani do Amaral
Peixoto (4º) e José Maria
Alkmin (5º).
— Arquivo Israel Pinheiro Filho.*



Reunião dos líderes do PTB em São Paulo: Chagas Rodrigues (Pi), Roberto Silveira (Rj), João Goulart, Parsifal Barroso (CE) e Leonel Brizola (RS). Rio Grande da Sul, 1959

— Manchete

— Foto Gervasio Barreto



João Goulart, Ivete Vargas e Parsifal Barroso no encerramento da 1ª Conferência Nacional do Trabalho, na qual o vice-presidente prometeu aposentadoria integral aos trabalhadores. Rio de Janeiro, março de 1958

— Arquivo do Estado de São Paulo: Última Hora



ministro da Guerra, marechal Henrique Teixeira Lott, foi de fundamental importância para a manutenção da ordem.

A UDN manteve e aperfeiçoou sua estratégia de oposição vigilante, particularmente através da Banda de Música, implacável grupo parlamentar especializado na denúncia de escândalos e na crítica à política econômica e financeira do governo. Foi neste momento que o partido resolveu popularizar-se. A liderança de Carlos Lacerda e o uso de recursos eleitorais como o "caminhão do povo" deram nova cara e dinamismo à UDN.

Mas os protestos vinham também das ruas das cidades e, de forma inovadora, do campo. Muitas foram as greves lideradas por sindicalistas, petebistas e comunistas. Centrais operárias assumiram funções paralelas aos sindicatos. A presença do vice-presidente João Goulart era garantia de intermediação com uma cúpula sindical cada vez mais reivindicativa e politizada.

Os estudantes, através da União Nacional dos Estudantes (UNE), promoviam manifestações.



Carlos Lacerda retorna do exílio a que se submeteu após o movimento de 11 de novembro de 1955. Rio de Janeiro, outubro de 1956.

— Manchete

— Foto Gervásio Babista

Carlos Lacerda em campanha eleitoral para Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, 1958.

— Fundação Getúlio

Vargas/CPDOC/Arq. Afonso Arinos.

A presença política do campesinato fez com que a reforma agrária passasse a frequentar os discursos políticos, ainda que apenas no plano retórico. O problema foi desviado com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) em 1959, e foi justamente a partir daí, com a projeção do Nordeste, que as Ligas Camponesas e o seu líder Francisco Julião ganharam notoriedade. As temáticas do reformismo, do antiimperialismo e da carestia deram a tônica dos protestos populares.

A POLÍTICA EXTERNA

No plano internacional, o governo JK conviveu com a rigidez político-ideológica da guerra fria. As relações exteriores do país foram pautadas pelas concepções tradicionais de defesa da "civilização ocidental" e do "mundo livre" contra o avanço do "comunismo internacional". Esta orientação refletia-se na importância das relações com os Estados Unidos, no alinhamento às potências ocidentais em foros como a



O organizador das Ligas Camponesas Francisco Julião, de terno escuro, com Zézé da Galiléia, um dos líderes do movimento, Pernambuco, 8 de outubro de 1959.
— Agência O Globo



Protesto popular contra o aumento do custo de vida. São Paulo, dezembro de 1958.
— Manchete



Embarque do batalhão expedicionário brasileiro para o Egito, por ocasião da crise do Canal de Suez. Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1957.

— Arquivo do Estado de São Paulo/Última Hora.



Fidel Castro no aeroporto de Congonhas, embarcando com destino a Brasília, São Paulo, 1º de maio de 1959.

— Arquivo Nacional/Correio da Manhã.

Organização dos Estados Americanos (OEA) e a ONU e na manutenção de estreitos laços de amizade com Portugal, num momento em que o colonialismo era posto em xeque na África.

Os primeiros abalos nesta conjuntura internacional, aliados às mudanças políticas e econômicas internas, possibilitaram, contudo, a formulação de iniciativas mais ousadas. Foi assim que se procurou projetar a liderança do Brasil no cenário latino-americano ou ainda inseri-lo em eventos de dimensão e impacto mundiais, como a crise do canal de Suez iniciada em 1956.

A iniciativa mais marcante do presidente Kubitschek foi o lançamento da Operação Pan-Americana (OPA), cujas propostas ambiciosas preconizavam a revisão das relações entre os Estados Unidos e a América Latina. A segurança e a estabilidade política do continente, até então vistas sob a ótica do anticomunismo, deveriam ser encaradas como fruto do desenvolvimento econômico. Os Estados Unidos, através da



OPA, deveriam concorrer com a ajuda econômica necessária à erradicação do subdesenvolvimento latino-americano.

Na prática, a OPA foi mais um objeto de polêmica do que um empreendimento bem-sucedido. A América Latina vivia um clima de crescente antiamericanismo, cujo símbolo mais radical foi a Revolução Cubana em 1959. No Brasil, a constante busca de capitais estrangeiros esbarrava num movimento nacionalista que ganhava dimensões inéditas.

Juscelino Kubitschek com o secretário de Estado norte-americano John Foster Dulles. Brasília, agosto de 1958.

— Arquivo Público do Distrito Federal/Novacap.

Em meio ao amplo debate sobre a dependência política e econômica do Brasil em relação aos Estados Unidos, polarizações entre neutralistas e americanistas, ou nacionalistas e entreguistas, moldavam a visão da sociedade sobre as relações internacionais do país.



Protesto de estudantes por ocasião da visita de John Foster Dulles ao Brasil, Rio de Janeiro, agosto de 1958.

— Agência O Globo.

Manifestação popular de apoio ao presidente Juscelino Kubitschek pelo rompimento com o FMI, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1959.

— Agência O Globo.

— Foto Manoel Soares

Protesto de estudantes por ocasião da visita de John Foster Dulles ao Brasil, Rio de Janeiro, agosto de 1958.

— Agência O Globo.





A imprensa noticia a revolta de Aragarças, Dezembro de 1959.

— Arquivo do Estado de São Paulo/Última Hora.

Manifestação de estudantes da Faculdade de Filosofia, na rua Maria Antônia, contra o aumento dos transportes coletivos, São Paulo, outubro de 1958.

— Arquivo Nacional/Correio da Manhã.



*A ameaça de bombardeio
pelos rebeldes de Aragarças gera
reforço da segurança na capital.
Brasília, dezembro de 1959
— Arquivo do Estado de São
Paulo/Última Hora.*





A favelada Carolina de Jesus durante o lançamento de seu livro Quarto de despejo, diário da miséria da favela da Canindé, grande sucesso editorial da época, São Paulo, 21 de agosto de 1960.

— Arquivo Nacional/Correio da Manhã.

Policiais cercam o prédio da UNE durante protesto de estudantes contra o aumento das anuidades e a majoração das tarifas dos bondes. Rio de Janeiro, 1956.

— Arquivo do Estado de São Paulo/Última Hora.





Juscelino Kubitschek e Dom Hélder Câmara, arcebispo — coadjutor do Rio de Janeiro. Maio de 1958.

— Arquivo do Estado de São Paulo/Última Hora.



Campanha de Jânio Quadros à presidência da República - 28 de março de 1960.

— Arquivo do Estado de São Paulo/Última Hora.



DESENVOLVIMENTISMO

A segunda metade dos anos 50 ficou conhecida como a era do desenvolvimentismo, caracterizado pelos planos de ação governamental visando o crescimento econômico acelerado, e pelas formulações teóricas que procuravam justificar essa necessidade de crescimento. O programa nacional de desenvolvimento de JK — o Programa de Metas — foi elaborado em 1956 pelo Conselho do Desenvolvimento da Presidência da República. Representava fundamentalmente uma proposta de industrialização, e o planejamento era aqui um instrumento para acelerar a acumulação e aumentar a produtividade dos investimentos.



*A*vião de caça - modelo Gloster Meteor usado pela FAB na época - adorno em metal cromado

*F*oto publicada na revista Manchete com a legenda: "18 mil operários constroem Fortaleza-Brasília". — Manchete.

Eram previstas trinta metas agrupadas em cinco setores: energia (com quase 50% dos investimentos), transportes, alimentos, indústria de base e educação. A construção de Brasília correu paralelamente, na condição de meta síntese. Implementado através de vários grupos executivos, o Programa de Metas foi o mais completo plano de investimentos da economia brasileira até então elaborado. O aumento contínuo da capacidade de investimentos era buscado através da conjugação de esforços do capital privado com o setor público nacional. A importância do capital estrangeiro, público e privado, nesse modelo econômico permite

também caracterizá-lo como de "desenvolvimento associado".¹⁷ Diferentemente de esquemas tradicionais, o plano de JK não deu maior atenção à questão da estabilização monetária, um dos cavalos de batalha do Fundo Monetário Internacional. Preferiu concentrar-se mais diretamente no crescimento econômico acelerado, expresso no slogan "50 anos em 5". Os esforços de estabilização, como o Plano de Estabilização Monetária do ministro Lucas Lopes, em 1957, foram meras tentativas de reduzir o ritmo inflacionário a níveis toleráveis e aplacar as críticas do FMI, mas sem sacrificar o desenvolvimento à estabilidade. Essa definição da política econômica de JK ajuda a entender por que, em 1959, o governo rompeu negociações com o FMI, que exigia um choque mais radical na política financeira. Como saldo do Programa de Metas, ganharam destaque as obras do setor energético — Furnas e Três Marias, por exemplo. Ganharam também notoriedade a abertura de novas rodovias,

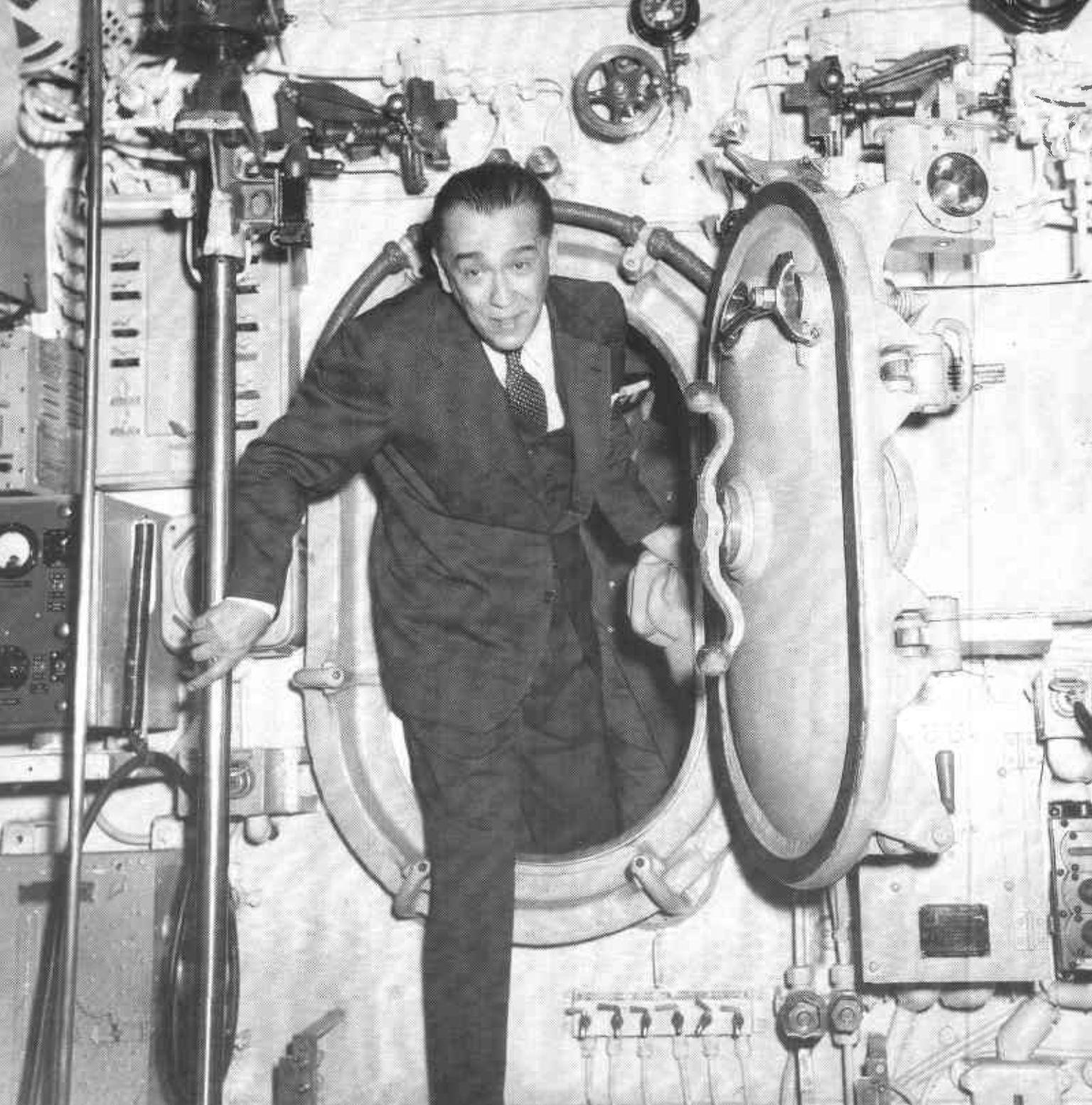


*Construção da rodovia Acre-
Brasília. 2 de julho de 1960.
— Arquivo Nacional/Agência Nacional*



*Chegada a Brasília da
Caravana de Integração
Nacional. 2 de fevereiro de 1960.
— Arquivo Nacional/Agência Nacional*

*Gascelino Kubitschek em visita
ao submarino Humaitá. 28 de
agosto de 1957.
— Arquivo Nacional/Agência Nacional*



Juscelino Kubitschek no seu
primeiro voo supersônico. Rio de
Janeiro, novembro de 1957

— Agência O Globo.





Juscelino Kubitschek em visita
às obras de Três Marias, Minas
Gerais, fevereiro de 1960.

— Manchete.



Juscelino Kubitschek e João
Goulart com o presidente da
Varig, Rubem Berta, e o chefe do
Gabinete Militar, general Nelson
de Melo, durante o voo inaugural
do Caravelle a Brasília, 28 de
setembro de 1959.

— Arquivo Público do Distrito
Federal-Novacap.



Juscelino Kubitschek com o presidente do BNDE, Lúcio Meira, em visita às obras de Furnas. Minas Gerais, 17 de outubro de 1959.

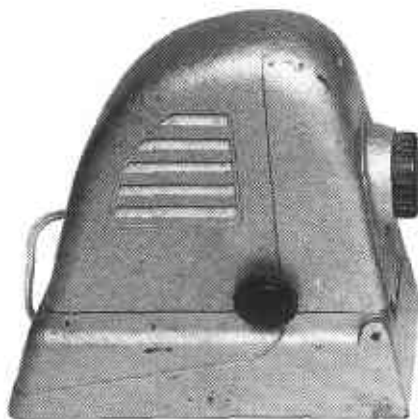
— Arquivo Nacional/Agência Nacional



Juscelino Kubitschek na inauguração da primeira fábrica de máquinas de escrever Remington Rand no Brasil, Rio de Janeiro, novembro de 1957.
— Manchete



Juscelino Kubitschek inaugura as novas instalações da fábrica de caminhões Mercedes Benz. São Bernardo do Campo (SP), 28 de setembro de 1956.
— Arquivo Nacional/Agência Nacional



Garra em porcelana, brinde da Westinghouse

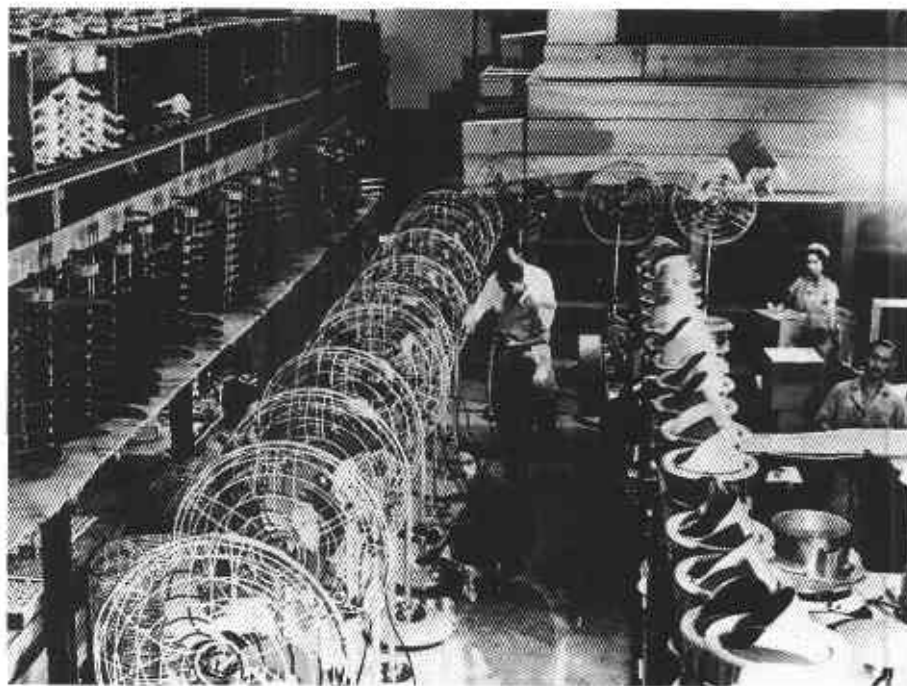
Projeto de slides em metal marca LVK



A atriz Eva Wilma apresenta o FNM-2000 Jk, modelo 1961, no I Salão do Automóvel Brasileiro, São Paulo, 1960.
— Manchete

*M*inutura de automóvel em metal com pintura bicolor e cromado





*Instalações da fábrica paulista
Contact de ventiladores e
exaustores. São Paulo, junho de
1958.*

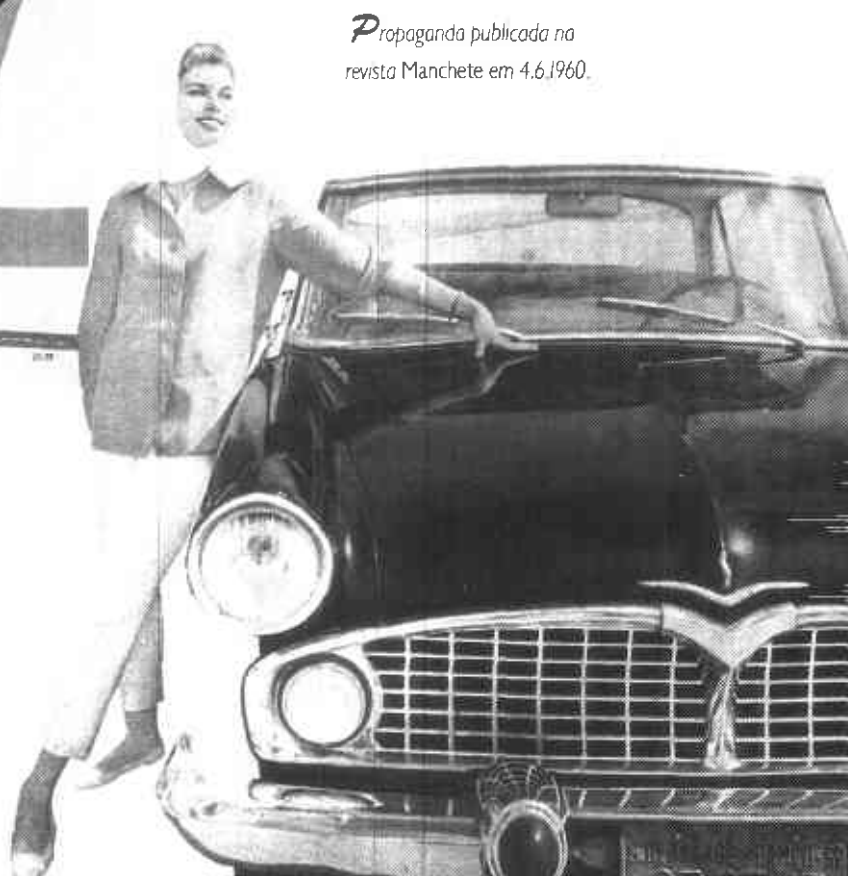
*— Arquivo Nacional/Correio da
Manhã.*



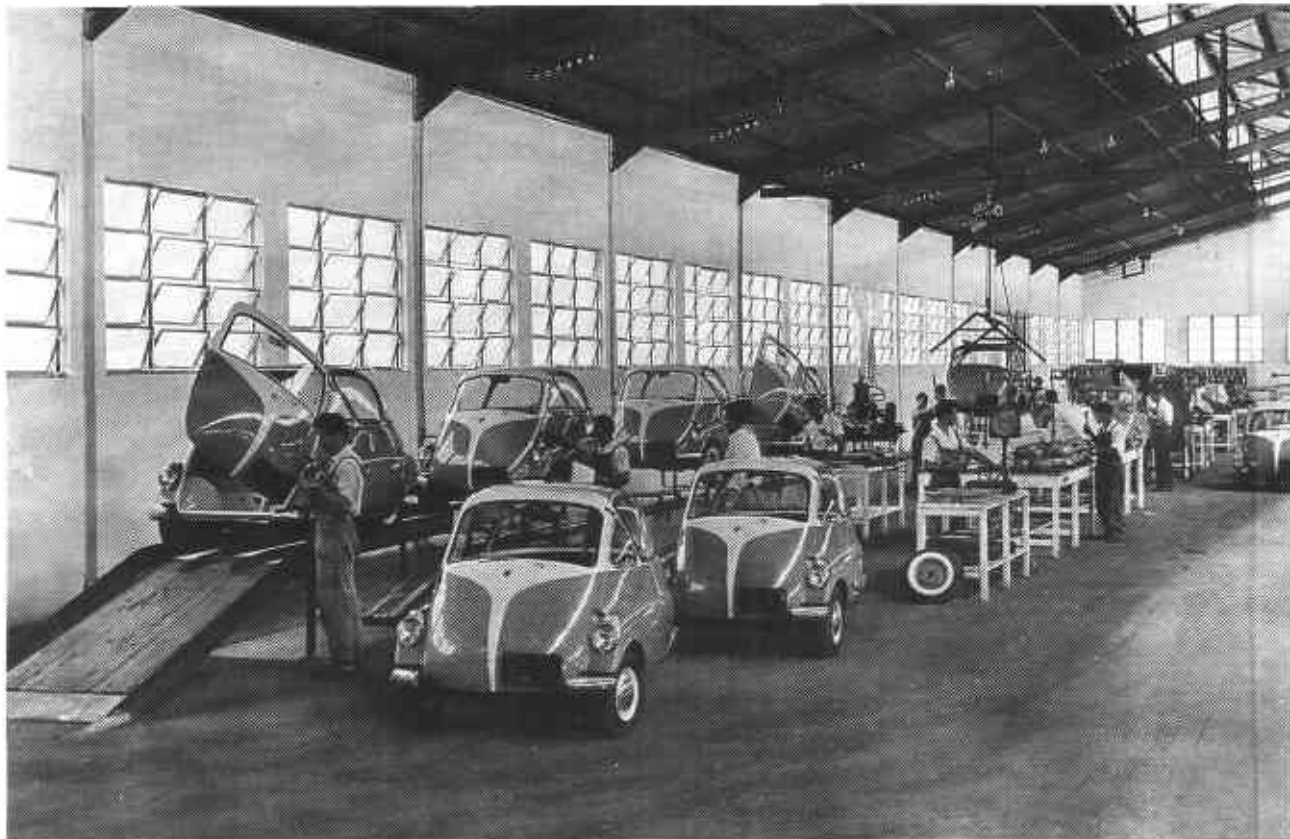
Ventilador Eskimó



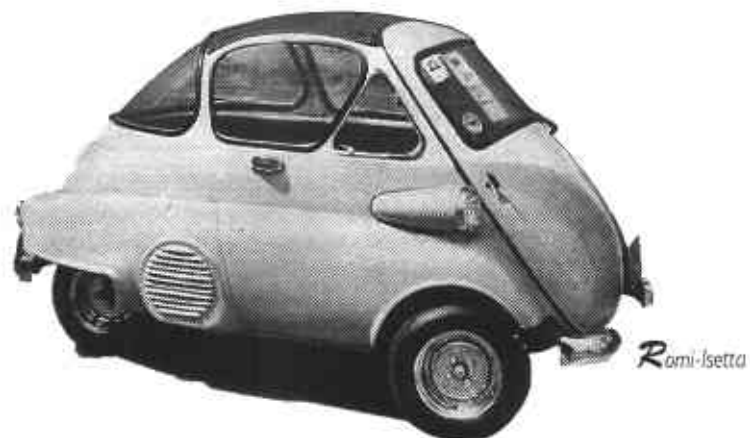
*Propaganda publicada na
revista Manchete em 24.9.1960*



*Propaganda publicada na
revista Manchete em 4.6.1960.*



*Linha de montagem do Romi-Isetta, Santa Bárbara d'Oeste (SP), 1957.
Ministério da Indústria e Comércio/CDI*





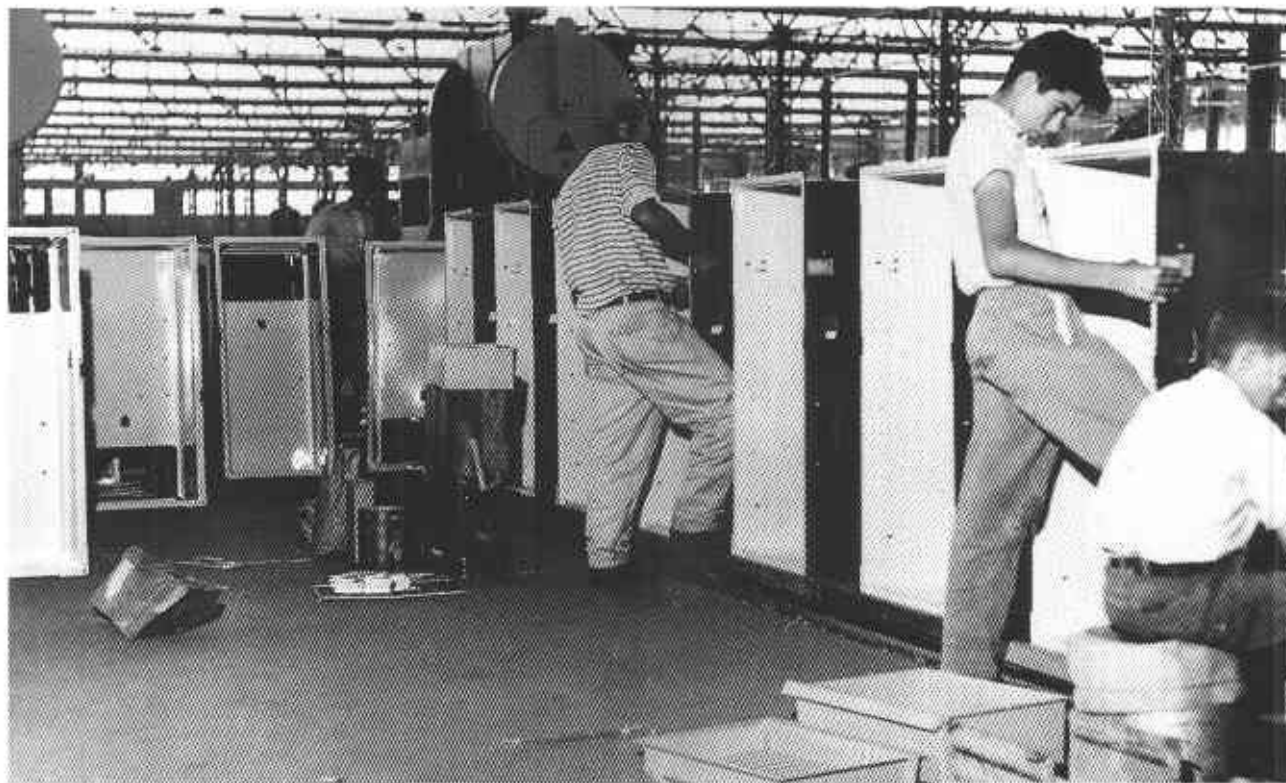
*Linha de montagem dos carros
Dauphine e Aero-Willys São
Paulo, 14 de setembro de 1960
- Arquivo Nacional/Correio da
Manhã*



7 NM-2000 JK



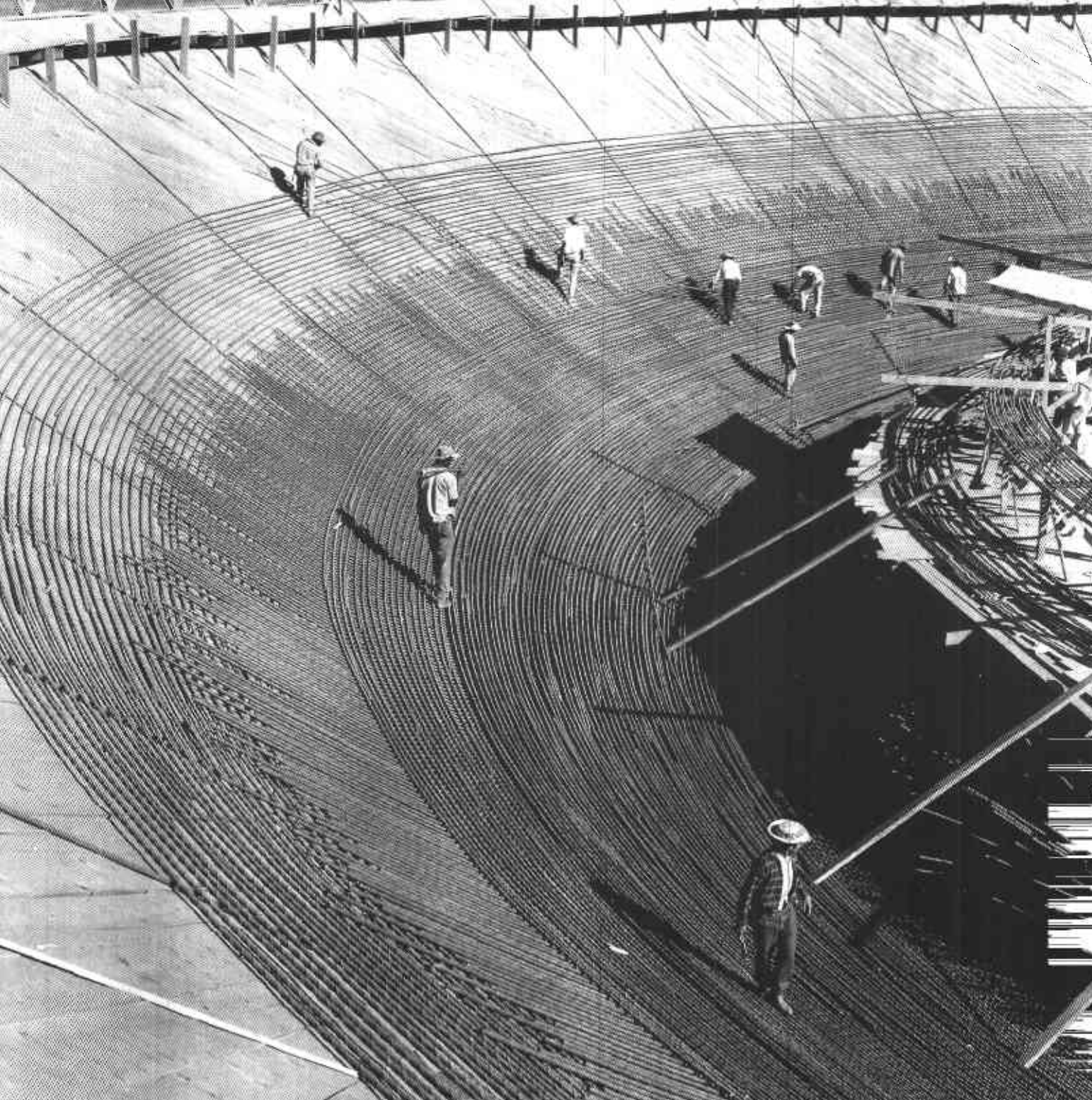
DKW/Vemag



Instalações da fábrica Clímax de refrigeradores, São Carlos (SP), 1960.

— Ministério da Indústria e Comércio/CDI

Propaganda publicada na revista Manchete em 19.12.1959.



BRASÍLIA

Os simbólicos "50 anos em 5" tiveram uma cidade como materialização histórica: Brasília, a capital inaugurada em 21 de abril de 1960. Brasília exprimia o tom que o presidente JK desejava imprimir ao Brasil — dinamismo, tenacidade, pioneirismo e audácia, fruto da vontade política associada ao espírito de aventura. JK misturava-se aos candangos, empoeirava-se, inspirava letras de músicas, estimulava socialmente o sonho que se tornara seu, de dar vida no Planalto Central à ousadia do desenho arquitetônico moderno. A cidade construída, nos anos 50 nos leva de volta à herança de Minas Gerais, que no final do século passado também construiu sua nova capital, trocando Ouro



*Reprodução da escultura
"Os Guerreiros", de Bruno Giorgi
popularmente conhecida como
"candangos," existente em Brasília*

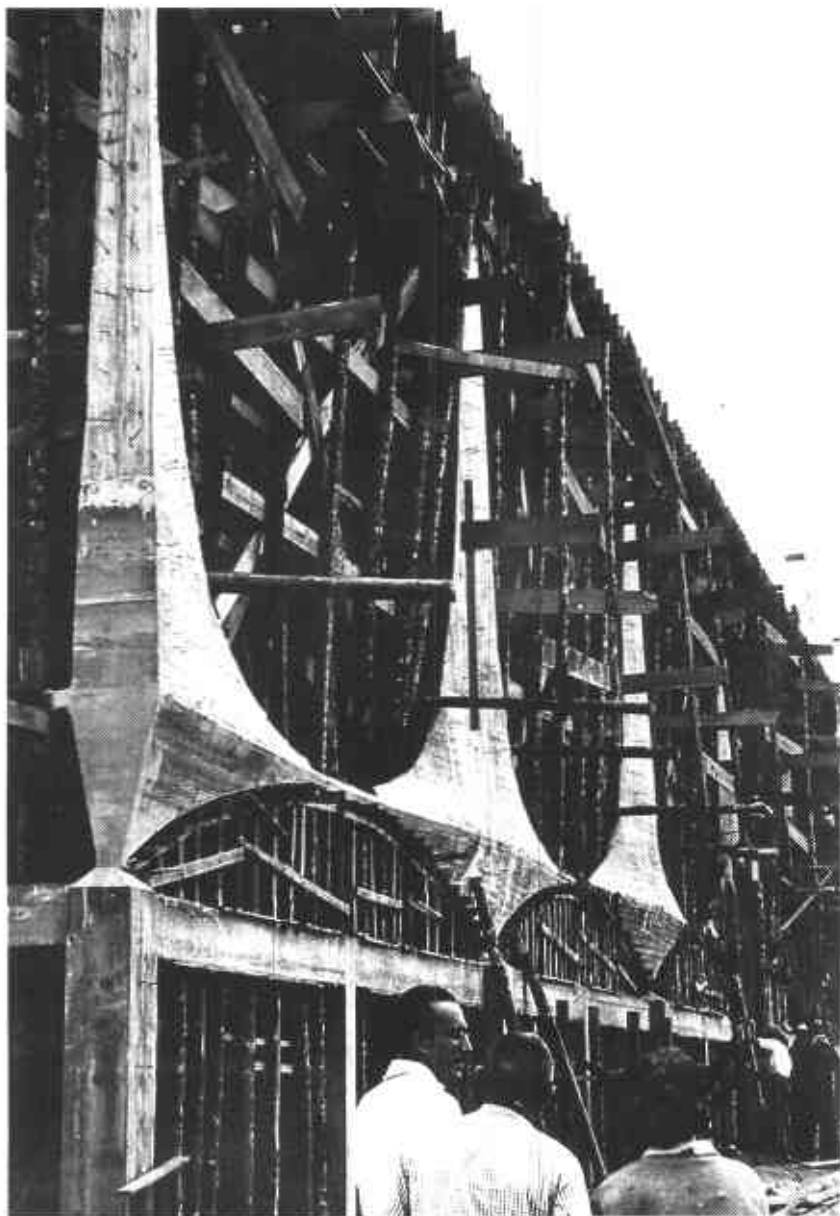
*Construção do prédio do
Congresso Nacional, Brasília, 1958.
— Arquivo Fundação Oscar Niemeyer.*

Preto por Belo Horizonte. A utopia urbana concebida no sonho de Brasília nos traz de volta a modernidade/mineiridade de JK, que ganhava agora foro nacional. O grande projeto de integrar o país ao mundo moderno tomaria forma na cidade de linhas leves e flutuantes que, nas palavras de Oscar Niemeyer, manteriam "os palácios como que suspensos, leves e brancos, nas noites sem fim do Planalto". O plano "ortogonal" de Lúcio Costa acolheria as "curvas" de Niemeyer, misturando-se assim, ao modelo racionalista do desenho urbanístico, a monumentalidade e a exploração dinâmica dos volumes dos edifícios. O Planalto Central, além da mítica tradição, era lembrado como ponto

estratégico para a nova capital pela possibilidade de unificar o país de dimensões continentais. Brasília era uma decisão do espírito de empreendimento que registrava na paisagem virgem a mão do homem. Era o exemplo de uma moderna concepção de cidade que correspondia à intencionalidade racional do homem na sua relação com a natureza.

*C*onstrução do palácio da
A alvorada

— Arquivo Fundação Oscar Niemeyer





Oscar Niemeyer, Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro examinam a maquete da praça dos Três Poderes.
— Arquivo Público do Distrito Federal/Novacap.

Juscelino Kubitschek e Lúcio Costa examinam o plano-piloto de Brasília. Brasília, 3 de maio de 1957.
— Arquivo Nacional/Agência Nacional.



*Construção da W 3 Sul
Brasília, 1959.*

— Departamento do Patrimônio
Histórico e Artístico — DePHA
— Foto Mário Fontenelle.





Eixo Monumental
— Manchete

*A*campamentos pioneiros no
Núcleo Bandeirante, Brasília. 30
de setembro de 1958.
— Arquivo Público do Distrito
Federal/Novacap.



A caminho de Brasília, 1960.
-- Manchete





*Núcleo Bandeirante, Brasília,
agosto de 1959.
— Arquivo Público do Distrito
Federal/Neotoni*



*Núcleo Bandeirante, Brasília,
agosto de 1959.
— Arquivo Público do Distrito
Federal/Neotoni
— À direita, fotos Mário Fontenelle*



Núcleo Bandeirante, Brasília, 1958.

— Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico — DePHA.
— Foto Peter Scheier.

Brasília, Fevereiro de 1960.
— Manchete.

Juscelino Kubitschek e João Goulart durante a missa celebrada na inauguração de Brasília, 21 de abril de 1960.
— Manchete.



Propaganda publicada na revista Manchete em 21.4.1960.
— Manchete



Juscelino Kubitschek e João
Goulart na inauguração de
Brasília, 21 de abril de 1960.

— Arquivo Público do Distrito
Federal-Navacop.



VANGUARDAS

7 importantes movimentos no campo artístico nasceram ou tomaram novo impulso na segunda metade da década de 50 no Brasil. Novas formas de conceber o cinema, o teatro, a música, a poesia e a arte desabrocharam, através de uma reflexão crítica sobre a produção e as linguagens vigentes em cada um desses domínios. Essa busca do novo possuía uma dupla dimensão: identificar e sintetizar elementos da cultura e da sociedade brasileira, integrando-os a manifestações artísticas ligadas a experiências realizadas fora do país. A efervescência do movimento cultural, que encontrava eco junto às camadas médias urbanas em franca expansão, sobretudo



universitárias, sintonizava-se tanto com o espírito nacionalista, expresso na valorização da cultura popular, quanto com a crença nas possibilidades de desenvolvimento e transformação do país.

O CINEMA

Glauber Rocha bradava em 1961: "Nosso cinema é novo porque o homem brasileiro é novo e nossa luz é nova e por isso nossos filmes já nascem diferentes dos cinemas da Europa." Como uma reação ao cinema industrial feito nos grandes

Congresso Nacional.

— Arquivo Fundação Oscar Niemeyer.

Banqueta com pés-palito
laqueados de preto e assento
forrado em couro sintético



estúdios e às populares chanchadas cujo objetivo maior era fazer rir, surgiu o Cinema Novo, pretendendo refletir sobre a realidade brasileira e trazendo à cena os problemas do povo e do subdesenvolvimento. A preocupação com a criação de uma nova linguagem cinematográfica

levou jovens cineastas cariocas, baianos e paulistas a discutir e incorporar várias tendências do cinema estrangeiro, como o neo-realismo italiano, a Nouvelle Vague francesa, o novo cinema japonês e, recuando um pouco mais no tempo, o cinema do soviético Sergei Eisenstein.

O diretor Neison Pereira dos Santos numa cena de seu filme *Mandacaru vermelho*, 1960.
— Cinemateca do MAMIRJ



*Glauber Rocha (de chapéu)
dirige cena do filme Barravento.
Bahia, 1959.
— Cinemateca do MAM/RJ*



*Gianfrancesco Guarnieri e
Minam Pêrsia no filme O grande
momento, dirigido por Roberto
Santos e produzido por Nelson
Pereira dos Santos, São Paulo,
1958. — Cinemateca do MAM/RJ*



*Grande Otelo e o diretor
Nelson Pereira dos Santos (2º da
dir.) durante as filmagens de Rio
Zona Norte. Rio de Janeiro,
1957.
— Cinemateca do MAM/RJ*

O TEATRO

Se o Cinema Novo se fazia longe dos estúdios, com “uma câmara na mão e uma idéia na cabeça”, implicando baixo custo e grande agilidade de produção, a renovação no campo teatral se dava no espaço cênico: com um despojamento semelhante, o palco de cenário simples aproximava-se da platéia, e a montagem abolia a interpretação grandiloquente em benefício de uma representação mais realista.

A fusão em meados dos anos 50 do Teatro de Arena de São Paulo, formado no início da década, com o Teatro Paulista do Estudante trouxe à cena uma temática social e política e à cultura brasileira um projeto de conscientização do público e de criação de um teatro popular. Romper com os temas e com a linguagem convencional da representação teatral era também um dos objetivos do Oficina, grupo formado por universitários da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na capital paulista,



em 1958. Arena e Oficina mantiveram-se como grupos distintos, mas apesar das diferenças, as influências recebidas eram as mesmas: o método do diretor, ator e produtor russo Stanislavski; as experiências do Actor's Studio de Nova York e a obra do dramaturgo alemão Bertolt Brecht.

Oduvaldo Viana Filho e Augusto Boal, autor e diretor de Chapetuba Futebol Clube, conversam com a platéia após a encenação da peça no Teatro de Arena, depois Teatro Opinião. Na platéia, Milton Gonçalves, Flávio Migliaccio, Francisco de Assis e Nelson Xavier. Rio de Janeiro, 1959.

— Agência O Globo



Encenação de Fogo frio no Teatro de Arena. Peça escrita por Benedito Rui Barbosa, dirigida por Augusto Boal e montada pelo Grupo Oficina, São Paulo, 1960.
— Manchete
— Foto Ivo Barretti

Frádio Migliaccio e Francisco de Assis na peça Chapetuba Futebol Clube, Teatro de Arena, São Paulo, 1958.
— Instituto Brasileiro de Arte e Cultura — IBAC.
— Foto Heja





O Catetinho recebe Vinícius de Moraes e Tom Jobim para a composição de Brasília, sinfonia da alvorada, Brasília, setembro de 1960.

— Manchete

— Foto Jäder Neves

A MÚSICA

A música popular brasileira também encontrou um momento de revitalização com o movimento que se estabeleceu em 1958 e ficou conhecido como Bossa Nova. A indústria do disco, em franca expansão, logo divulgou seus novos cantores e compositores. Gravações como *Chega de Saudade*, com João Gilberto, estouraram no mercado. Incorporando manifestações da música popular americana, sobretudo do jazz e do be-bop, a Bossa Nova trouxe consigo não só uma nova forma de interpretação, de tom intimista, mas também uma nova batida integrando letra e música, voz, orquestração, arranjo e ritmo entre si. Muitas composições de Antonio Carlos Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra e outros excelentes músicos, produzidas no período, são executadas até hoje com enorme sucesso.



Tom Jobim e Silvinha Telles, em apartamento da zona sul do Rio de Janeiro. 1960.

— Jornal Estado de Minas/DEDOC/O Cruzeiro

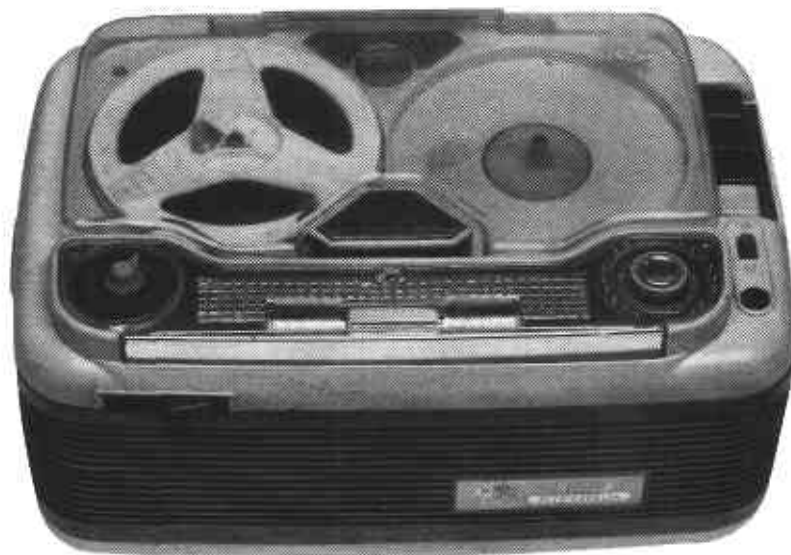
— Foto Paulo Namarado



A Bossa Nova invade a praia:
João Gilberto e Nara Leão no
Arpoador, Rio de Janeiro, 1959.
— Manchete
— Foto Carlos Kerr.

Capas dos discos

"Os Grandes Sucessos de Ângela Maria", "Miltinho é Samba",
 "Balançando - Milton Banana Trio", "Sua Majestade o Rei do Ritmo - Jackson do Pandeiro",
 "Hot Southern Boppers", "E os Namorados Dançam"



Gravador portátil de rolo
 Geloso



ARQUITETURA E ARTES PLÁSTICAS

Os artistas plásticos e os poetas brasileiros dos anos 50, também absorveram o movimento construtivista que se desenvolvia na Europa, e que duas décadas antes já havia inspirado nossos arquitetos. A influência dos grandes nomes europeus da nova arquitetura — os alemães Walter Gropius e Mies Van der Rohe, da Escola de Bauhaus, criada em 1919, e o suíço Le Corbusier — continuou sendo decisiva. Havia-se estabelecido um compromisso com a racionalidade e com o progresso, através da utilização das técnicas modernas da sociedade industrial para a organização do espaço

O arquiteto Affonso Eduardo Reidy, autor do projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, visita as obras de construção do prédio.
— Centro de Documentação do MAM/RJ. — Foto Aertsens Michel.

Detalhe de passadeira de lã decorada com motivos geométricos 0,70 x 5,00 m





*P*alácio da Alvorada.

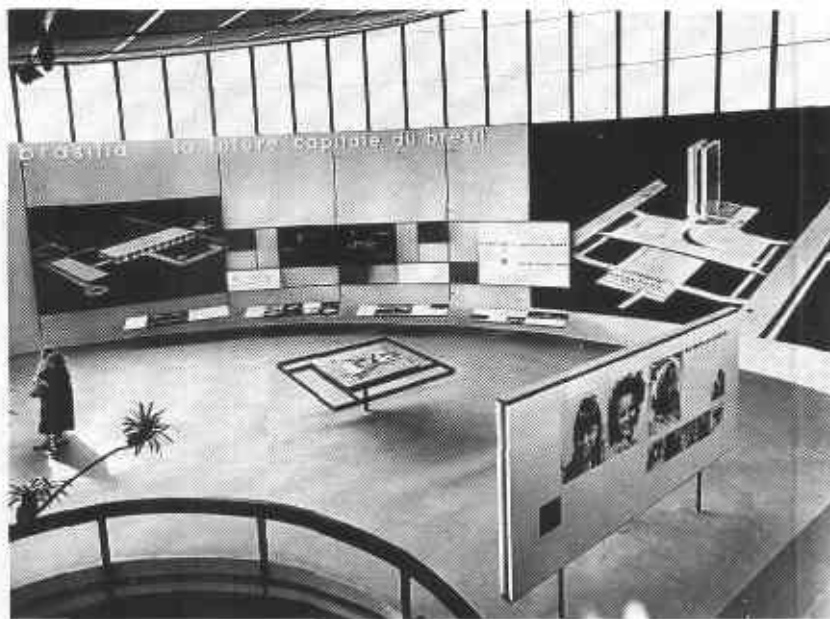
— Arquivo Fundação Oscar Niemeyer

— Foto Lucien Clergue

social. Esta postura era compatível com os ideais de emancipação nacional que permeavam as reflexões sobre as transformações da sociedade brasileira. Aliada à arquitetura, a concepção de uma decoração e de um mobiliário funcional e sem adornos também se fazia presente. Brasília, a cidade imbuída de uma simbologia do novo, foi uma das grandes aventuras urbanísticas da década de 50.

Os conceitos fundamentais da arte moderna consolidaram-se no Brasil através do grupo paulista Ruptura e do grupo carioca Frente, marcando o surgimento da arte

Petisqueira em louça metalizada, com aspecto furta-cor



Aspecto do pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Bruxelas realizada em dezembro de 1958. Foto publicada no *Correio da Manhã* com a legenda: "Brasil mostrado no exterior: não somos apenas índios e selvas".
— Arquivo Nacional/Correio da Manhã.

Mesa lateral pé-palito em pau marfim com tampo em fórmica - estrutura com prateleiras de inspiração arquitetônica





*Poltrona Dragoflex - conversível
em cama de solteiro, estofada em
tecido mescla.*



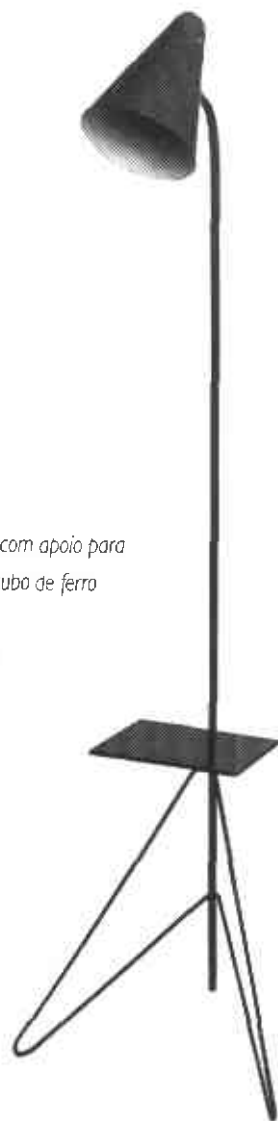
*Mesa de centro retangular
pé-palito em peroba com tampo
de vidro*



*Aspecto da loja de móveis de Joaquim Tenreiro.
— Arquivo Nacional/Correio da Manhã.*



Bue para chá de linhas modernas em cerâmica.



*Luminária com apoio para telefone, em tubo de ferro pintado.
Foco dirigível.*



A escultura moderna presente na 5ª Bienal de São Paulo.

Setembro de 1959.

— Manchete.

O artista neoconcreto Franz Weissmann expõe no MAM, Rio de Janeiro, 20 de março de 1959.

— Arquivo Nacional/Correio da Manhã



concreta no país, diretamente influenciada pelas obras e idéias do artista suíço Max Bill e posteriormente pela Escola de Ulm, na Alemanha, junto com as artes plásticas, poesia e música também se tornaram concretas.

O aprofundamento das diferenças conceituais existentes entre os grupos de São Paulo e do Rio provocaram o rompimento dos cariocas com os concretos paulistas. Em março de 1959, os neoconcretos divulgaram um manifesto definindo uma nova posição em face da arte concreta, em que a expressividade era destacada como contrapartida à hipertrofia da racionalidade.

Os concretos também orientaram seus trabalhos para campos artísticos diretamente vinculados à emergente base industrial: as artes gráficas e o design. As bienais internacionais de arte realizadas em São Paulo a partir de 1951 tiveram grande importância no desenvolvimento da arte concreta no Brasil, e mais ainda, aglutinaram o que havia de mais expressivo na arte contemporânea internacional.



4ª Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, pela primeira vez instalada no Pavilhão do Ibirapuera, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer para sediar o evento, São Paulo, setembro de 1957.

— Manchete.

— Foto Ivo Barreto.

Juscelino Kubitschek e o pintor francês Georges Mathieu junto ao painel pintado por este durante evento no MAM. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1959.

— Centro de Documentação do MAM/RJ





Cadeira estofada em tecido coco-ralado com a estrutura em madeira laqueada de preto



O arquiteto alemão Mies Van Der Rohe (à direita) examina com Affonso Eduardo Reidy a maquete do MAM Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1957.

— Centro de Documentação do MAM/RJ



Poltrona estofada em tecido geométrico - estrutura em pau-marfim



*Cadeira com pés-palito em
jacarandá - encosto com varetas
e assentos em couro sintético*

*Jean Paul Sartre e Simone de
Beauvoir na praia de
Copacabana, Rio de Janeiro,
1960.*

— Manchete.

— Foto Gil Pinheiro



COTIDIANO

A formação de um público urbano e o surgimento de uma cultura de massa modificaram substancialmente a sociedade brasileira ao longo da década de 50. Através dos programas de auditório das rádios, as camadas populares buscavam, mesmo que no plano simbólico, seus canais de participação. As radionovelas e os programas humorísticos alcançavam grande audiência. Misto de comédia e show de carnaval, as chanchadas faziam enorme sucesso, tratando de assuntos diretamente ligados ao cotidiano popular. O teatro de revista, mais modesto ou mais sofisticado, aliava sketches cômicos e números musicais, lotando platéias.



Castiçal em alumínio dourado com detalhe em plástico imitando marfim

Mário Sérgio e Andréa Bayard no filme *Estranho encontro*, dirigido por Walter Hugo Khoury e produzido por Abílio Pereira de Almeida. Prêmio Saci de melhor filme e melhor diretor. São Paulo, 1958. — Cinemateca do MAM/RJ.

Mas não eram só as chanchadas e os espetáculos musicais com plumas e paetês que atraíam o público. As companhias teatrais traziam ao palco textos importantes da dramaturgia estrangeira, espetáculos montados em moldes tradicionais. Os impasses vividos pelo projeto de construção de um cinema de grandes estúdios não impediam o lançamento de novos filmes, que ainda procuravam reeditar um cinema "igual ao estrangeiro". A grande novidade da década foi a televisão, com uma programação quase totalmente ao vivo. Telejornais, teleteatros, programas musicais, de variedades e esportivos, encontros com artistas e celebridades em geral penetraram

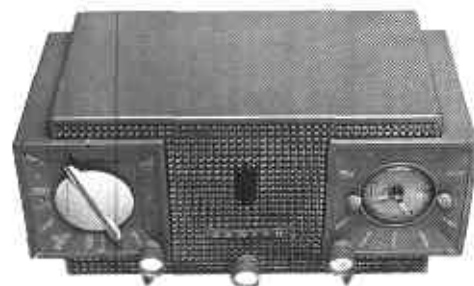


Artistas da rádio

homenageiam Juscelino

Kubitschek em comemoração ao seu aniversário. Entre eles, Almira e Jackson do Pandeiro, Ademilde Fonseca, Agnaldo Rayol, Aerton Pereira, Orlando Silva, Gilberto Alves, Dons Monteiro, Aivarenga e Rancorinho. Rio de Janeiro, setembro de 1957.

— Arquivo Nacional/Agência Nacional



Rádio Hkoc - caixa em plástico braçadeira

Rádio Relógio Zenith - caixa em plástico



nos lares mais abastados dos maiores núcleos urbanos do país. Em 1956 já funcionavam aproximadamente 250 mil televisores entre São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. As câmaras pesadas, os recursos técnicos precários e a improvisação marcaram o início de um meio de comunicação que ganhava importância cada vez maior. A segunda metade dos anos 50 foi o tempo das cidades, do urbano, tão bem retratado por cronistas e poetas. Com suas areias brancas e largas avenidas, Copacabana era

Cinzeiro em cerâmica no formato de peixe com 30 cm de comprimento



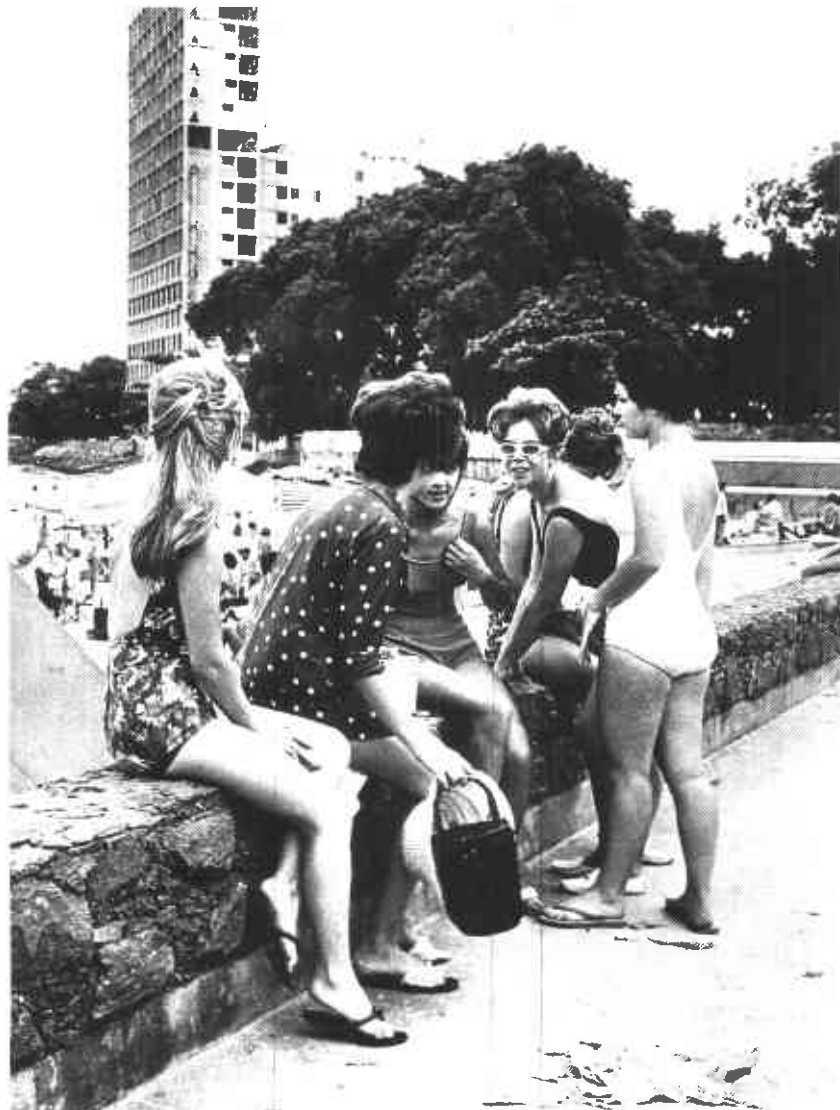
Propaganda publicada na revista Senhor em agosto de 1959.

uma espécie de cartão-postal do país, lugar por onde circulavam e se divertiam milionários, políticos, turistas, artistas de Hollywood, desportistas. Enquanto a capital paulista crescia aceleradamente, o lazer de suas elites se dividia entre o balneário do Guarujá e as serras de Campos do Jordão.

Se a moda francesa imperava nos desfiles, nas reuniões sociais e nas grandes tardes do Jockey, as fibras sintéticas como o ban-lon e a helanca simbolizavam o moderno e o funcional. Os objetos de matéria plástica invadiram os lares dos anos 50.

Rock-and-roll, jaquetas de couro e blue jeans refletiam um novo comportamento da juventude, que, à la James Dean, tornava-se transviada.

Nas ruas o país comemorava a conquista dos vários títulos obtidos nos campeonatos esportivos mundiais.

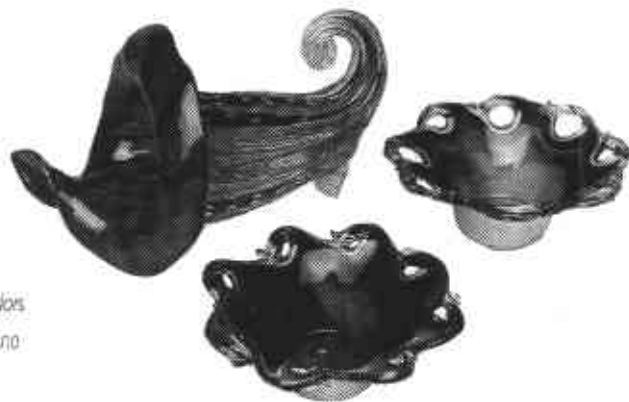


*M*oças no Guarujá, São Paulo, 1960.

— Manchete — Foto: Ivã Barreto



*Bar com estrutura em pés-palito
laqueado de preto com detalhes
em fórmica branca e couro
sintético amarelo-mostarda.
Acompanham duas banquetas
com pés-palito.
Luminária em metal esmaltado,
quadros com motivos geométricos
e objetos de adorno.*



*Cornucópia em murano; dois
cinzeiros circulares em murano
com 15 cm de diâmetro*

*Grande Oiteio no espetáculo
Mister Samba, produzido por
Carlos Machado. Em 1º plano
Elizabeth Gasper (1ª da esq.) e
Aurora Miranda (4ª). Rio de
Janeiro, dezembro de 1957.
— Arquivo Nacional/Correio da
Manhã.*



*Três estatuetas - rubberas em
louça colorida*



Caubi Peixoto, o "Sinatra" brasileiro. 1956.

— Jornal Estado de Minas/DEDOC/O Cruzeiro.

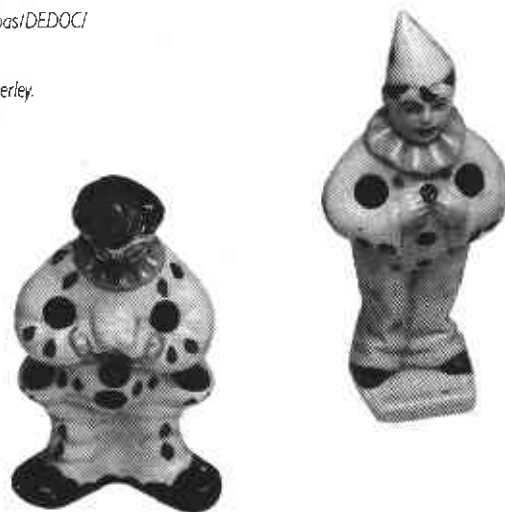
— Foto Geraldo Viola.



Jão Dias, Ângela Mana e Herivelto Martins trabalham em três novas músicas: Papai, É quase certo e Atiraste uma pedra. 1957.

— Jornal Estado de Minas/DEDOC/O Cruzeiro.

— Foto Indalécio Wanderley.



2 palhaços em louça colorida com 20 cm de altura



Tonia Carreiro, Adolfo Celi e Paulo Autran comemoram as 200 apresentações de *Otelo*, de Shakespeare, produção da Companhia Tonio-Celi-Autran, Porto Alegre, 4 de junho de 1957
— Arquivo Nacional/Correio da Manhã

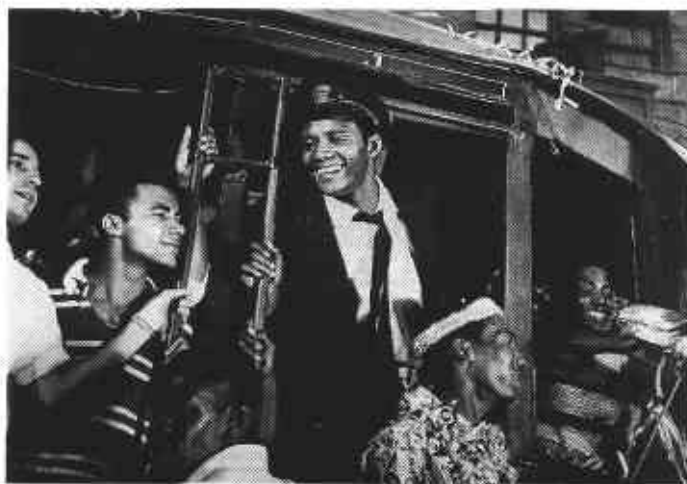
Augusto César Vanucci, Eliana e Sérgio Munio no filme *Alegria de viver*, dirigido por Watson Macedo, 1958
— Cinemateca do MAN/IRJ

Cena da peça *Gimba*, de Gianfrancesco Guarnieri, encenada no Teatro Municipal de São Paulo, com Celeste Lima, Maria Della Costa, Sadi Cabral e Oswaldo Louzada, 1959
— Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC/Arg. Brício de Abreu)



*Neide Aparecida em comercial
durante intervalo do Teatrinho
Trol da TV Tupi.*

— Instituto Brasileiro de Arte e Cultura
- IBAC.



*Breno Mello no filme Orfeu do
Carnaval, de Marcel Camus,
produção franco-brasileira-
italiana que recebeu a Palma de
Ouro do Festival de Cannes de
1959. — Cinemateca do MAM/RJ.*



*Arlequim - Estatua em
cerâmica artesanal com 40 cm
de altura*



Juscelino Kubitschek com Louis Armstrong, Pixinguinha e Dorival Caymmi. Ao fundo, Fernando Lobo e Lamartine Babo. Rio de Janeiro, 1957.

— *Jornal Estado de Minas/DEDO/ O Cruzeiro*

— Foto Luis Edgard

Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cacilda Becker e Cleyde Yáconis durante o coquetel da inauguração do Teatro Cacilda Becker. Rio de Janeiro, 1º de março de 1958.

— *Arquivo Nacional/Correio da Manhã*



Juscelino Kubitschek com Marlene Dietrich, Rio de Janeiro, 31 de julho de 1959.

— *Arquivo Nacional/Agência Nacional*



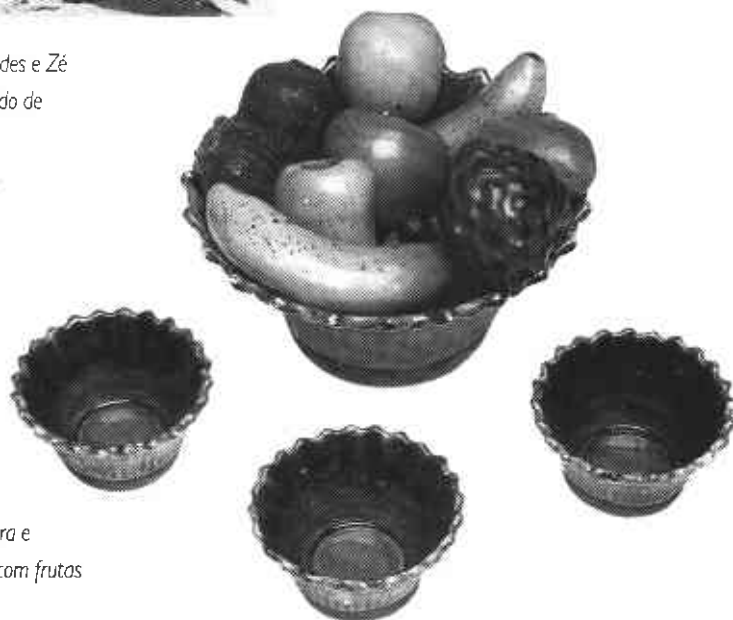
Zéloni, Lilian Fernandes e Zé Trindade no filme *Marido de mulher boa*.
Cinemateca do MAMIRJ.



Cyll Farney e Oscarito no filme *De vento em popa*, dirigido por Carlos Manga. Rio de Janeiro, 1957.



Pinguim de louça - adorno para geladeira.



Conjunto de saladeira e 3 potes em cerâmica com frutas de cera.



*Vitória da Miss Guanabara,
Gina Mac Pherson, no concurso
Miss Brasil, Rio de Janeiro, 1960.
— Manchete*



*Touca de banho em borracha,
decorada com flores de plástico*



*Terezinha Maranga, Miss Brasil
1957, disputa o título de Miss
Universe em Long Beach.
— Coleção particular*



Propaganda publicada na revista Manchete em 26.II.1960.

Espremedor de laranja Juice o'Mat manual em ferro pintado cromado e alumínio





Dercy Gonçalves e Norma Blum no filme *Minervina vem aí*, dirigido por Eundes Ramos e produzido por Oswaldo Massaini, Alípio Ramos e Eundes Ramos, 1959.

— Cinemateca do MAMIRJ.



Fernanda Montenegro em *Por favor, não entre na casa de Angelina*, teleteatro da TV Tupi, Rio de Janeiro, 1959.

— Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC).

Hebe Camargo e Borges de Barros durante o programa *Praça da Alegria*, no canal 5, São Paulo, julho de 1960.

— Arquivo Nacional/Correio da Manhã.

Mazzaropi em Chico Fumaça. Direção Alípio Ramos e Vitor Lima e produção Oswaldo Massaini e Alípio Ramos, 1958.
— Cinemateca do MAM/RJ.



Conjunto de viagem masculino em estojo de couro com barbeador manual e lâminas
gillete



Aparelho de barbear elétrico
Remington 60

Esqueiro Ronson com linhas aerodinâmicas





*Hockey Club em tarde de
Grande Prêmio Brasil. Rio de
Janeiro, agosto de 1960.
— Manchete.*



*Conjunto de óculos masculino
e feminino - armações em
plástico com aplicações em metal
dourado*

*Jarra em cerâmica artesanal -
base amebóide altura 30 cm,
jarra para água com alça em
cerâmica artesanal em tons
degradê, altura 35 cm*



Propaganda publicada na revista Manchete em 3.12.1960.



Propaganda publicada na revista O Cruzeiro em 11.10.1958.



Bellini, capitão da seleção brasileira, exibe vitorioso a taça Jules Rimet. Rio de Janeiro, julho de 1958. — *Marcelo*

Pelé e Vavá comemoram a segunda gol do Brasil contra a Suécia na decisão da Copa do Mundo. Suécia, 28 de junho de 1958.

— Agência O Globo



Ao redor da mesa, JK, D. Sarah e Osvaldo Penido ouvem atentos a transmissão da final da Copa do Mundo em 28 de junho de 1958.

— Arquivo Público do Distrito Federal/Novacap.



Momento de vibração no jogo Brasil e Suécia. Rio de Janeiro, 28 de junho, de 1958.

— Arquivo Público do Distrito Federal/Novacap.



Juscelino Kubitschek recebe os campeões mundiais de basquetebol. Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1959.

— Arquivo Nacional/Correio da Manhã.

Retorno da tenista Maria Ester Bueno, campeã no torneio de Wimbledon. São Paulo, 10 de julho de 1959.

— Agência O Globo.





*Calorosa recepção ao lutador
Eder Jofre, campeão mundial de
boxe na categoria de peso galo.
São Paulo, dezembro de 1960.
— Manchete.*



MOSTRA DE FILMES

LONGAS

O Grande Momento, de Roberto Santos, 1958
Rio Zona Norte, de Nelson Pereira dos Santos, 1957

O Homem do Sputnik, de Carlos Manga, 1959
Depois eu Conto, de José Carlos Burle, 1956

Alegria de Viver, de Watson Macedo, 1958

Jeca Tatu, de A. Mazzaropi, 1959

Meus Amores do Rio, de Carlos Hugo Christensen, 1957

Os Anos JK, de Sílvio Tendler, 1980

Absolutamente Certo, de Anselmo Duarte, 1957

Noites de Cabíria, de Federico Fellini, 1957

Hiroshima meu Amor, de Alain Resnais, 1958

Acossado, de Jean-Luc Godard, 1959

Os Amantes, de Louis Malle, 1959

Sete Pecados Capitais, de Claude Chabrol e outros, 1960

De Crápula a Herói, de Roberto Rossellini, 1957

Barravento, de Gláuber Rocha 1959/61

CURTAS

O Bonde, *Esse Eterno Sofredor*, 1957

Jeca Tatuzinho, 1956

Vida e História de um Grande Jornal, 1958

O Mundo Aclama o Brasil, 1957

O Bandeirante de Hoje, 1958

Tudo por um Menino, 1960

A Constituição Acima de Tudo, 1963

O Bandeirante, 1987

Todos de Jean Manzon

Couro de Gato, de Joaquim Pedro de Andrade, 1959

O Pátio, de Gláuber Rocha, 1959

MOSTRA DE VÍDEOS

Vídeos especialmente produzidos para esta mostra

O estilo JK: uma questão de bossa

A democracia na ordem do dia

A cara do Brasil: retrato em preto e branco

A meta do plano: romper os horizontes da pobreza

A epidemia do novo





AGRADECIMENTOS

Achiles M. Mitraud de Castro Leite
Adolpho Bloch
Anita Leocádia Prestes
Antônio O. W. de Araújo Pinho
Clea Nudelman
Eduardo Pessoa de Melo
Fábio Steinbruch
Henrique Erwene
I. Rosemberg
Israel Grytz
Israel Pinheiro Filho
Jean Pierre Manzoni
João Alves Filho
João Carlos Bajestero
João Luís Vieira
Joaquim Falcão
Luís Severiano Ribeiro Neto
Marta Garcia Martins
Nelson Pereira dos Santos
Osias Wurman
Paulo Leme
Pedro Jack Kapeller
Rogério Serra de Castro
Sarah Kubitschek
Terezinha Morango Pittigliane
Vera Lúcia Chaves Pinheiro
Yeudi Rosemberg

Arquivo do Estado de São Paulo
Arquivo Nacional
Arquivo Público do Distrito Federal
Caliban Produções Cinematográficas
Centro de Documentação do Museu
de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Centro de Documentação - Rede Globo
Departamento do Patrimônio Histórico
e Artístico do Distrito Federal /
Museu Vivo da Memória Candonga
Elétrópaulo / Eletricidade de São Paulo
Fã Clube de Emilinha Borba
Fundação Oscar Niemeyer
Instituto Brasileiro de Arte e Cultura
Ministério da Indústria e Comércio /
Conselho de Desenvolvimento Industrial
O Estado de Minas
Sabesp / Companhia de Saneamento
Básico do Estado de São Paulo
Secretaria Municipal de Cultura
de São Paulo
Tempo Glauber



R. Teotônio Regadas 26/902, 20021, Rio de Janeiro, R.J

Tel.: (021) 221.2729 / Fax: (021) 221.3106



banespa
A FORÇA DA NOSSA GENTE